

cinemateca
NOVEMBRO 2025



O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN

**CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70**

SÁBADOS EM FAMÍLIA | CINEMATECA JÚNIOR



só a cumplicidade e a imaginação sabem fazer arrancar, ao encontro dos segredos e das mágoas da família.

► Sábado [22] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BARON PRÁSIL

O Barão Aventureiro

de Karel Zeman

Checoslováquia (Chéquia), 1962 – 83 min
legendado em português | M/6

BANDA SONORA E INTERPRETAÇÃO AO VIVO
POR PHILIPPE LENZINI

Um astronauta e o lendário e arrogante barão Munchausen embarcam em aventuras turbulentas que os levam da lua à Turquia do século XVIII, ao ventre de uma baleia e muito mais além. Nesta singular adaptação do famoso livro de Rudolf Erich Raspe, o cineasta checo Karel Zeman inspirou-se nas gravuras de Gustave Doré para a edição de 1867 para fazer a sua habitual magia. O filme é uma obra-prima caleidoscópica que combina imagem real e animação com recurso a técnicas que incluem *stop motion*, colagem, marionetas e cenários pintados com técnicas antigas.

► Sábado [29] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

WHY WORRY ?

Engula a Pílula

de Fred C. Newmeyer e Sam Taylor

com Harold Lloyd, Jobyna Ralston,
John Aasen, Jim Mason

Estados Unidos, 1923 – 63 min / mudo, legendado em português | M/6

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Harold Van Pelham (Harold Lloyd) é um milionário hipocondríaco, que viaja para os trópicos em busca de saúde, na companhia do secretário e da enfermeira. Em vez da calma e bons ares, este doente imaginário vê-se a braços com uma revolução que talvez o cure.

► Sábado [29] 11h00 | Biblioteca

ANIMAÇÃO ÀS RISCAS

Conceção e orientação de Maria de Jesus Lopes/
Cinemateca Júnior

Duração: 2 horas

Para jovens dos 8 aos 14, acompanhados por um adulto

Preço: Participante: 4,00€ | Adulto acompanhante: 2,00€

Marcação prévia até 20 de novembro
para cinemateca.junior@cinemateca.pt

No final do século XIX surgiu uma forma de animar desenhos muito simples, a que podemos chamar “animação de cerca”, porque, para o desenho ganhar movimento, passamos sobre ele uma imagem com riscas pretas, como uma cerca de estacas todas iguais, que ora escondem ora mostram o que está por trás. Convidamos-te a descobrir alguns brinquedos que usam este tipo de animação, e a construir um que podes levar contigo.

C hovem folhas, os dias estão mais escuros e frescos e voltámos a abrir chapéus de chuva. O corpo pede chocolate quente e a cabeça vai adorar as viagens que programámos para o conforto da sala de cinema. Começamos com duas curtas-metragens croatas, ENTÃO VI A TANJA de Juraj Lerotić e NO AZUL PROFUNDO de Antoneta Alamat Kusijanović. Os adolescentes destes filmes vão crescer à nossa frente. Novos amigos, primeiros amores, desilusões, medos e dramas familiares, tudo aquilo que pela dor e pelo prazer nos empurra para a idade adulta. Com os dois pés assentes na infância e no acelerador dum carro que voa temos um avô e um neto, os protagonistas do filme que se segue, ATRÁS DAS NUUVENS de Jorge Queiroga. De seguida embarcamos com O BARÃO AVENTUREIRO de Karel Zeman numa viagem ainda mais louca, da lua à Turquia do séc. XVIII, do ventre duma baleia à garupa de cavalos alados. Karel Zeman, em mais uma visita de luxo aos ecrãs da Júnior (as primeiras aconteceram em 2016 com “A INVENÇÃO DIABÓLICA” e “VIAGEM AO PRINCÍPIO DO TEMPO”) encanta-nos com entrelaçados de animação e imagem real. Desta vez inspirando-se nas gravuras de Gustave Doré para uma edição do livro de Rudolf Erich Raspe, que o filme adapta. Como se não bastasse esta galeria de notáveis na pré-história do filme, vamos acrescentar-lhe mais uma camada de criação: uma nova sonoplastia e banda sonora, composta e executada ao vivo pelo músico Philippe Lenzini. Por fim, e antecipando o Natal, temos mais um presente, uma segunda sessão de cinema com música ao vivo, ENGULA A PÍLULA de Fred C. Newmeyer com duas das nossas estrelas da era do mudo, Harold Lloyd na tela e Catherine Morisseau ao piano. Na oficina e já com o fito de carpintear presentes que surpreendam a tia mais exigente, vamos dar a conhecer uma nova forma de animar sem fotografias. Que tal uma ANIMAÇÃO ÀS RISCAS?

► Sábado [08] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ONDA VIDIM TANJU

“Então Vi a Tanja”

de Juraj Lerotić

Croácia, 2010 – 34 min / legendado em português

INTO THE BLUE

“No Azul Profundo”

de Antoneta Alamat Kusijanović

Croácia, 2017 – 22 min / legendado em português

Duração total da projeção: 56 min | M/6

EM COLABORAÇÃO COM O FESTIVAL OLHARES DO MEDITERRÂNEO

“No Azul Profundo” e “Então Vi a Tanja” são dois filmes sobre o crescimento e o tornar-se adulto. Os protagonistas destes filmes, Zeljko e Julija, passam por importantes mudanças. Tal como qualquer outro adolescente, lidam com as suas primeiras paixões, os seus medos, com a aproximação a uns amigos ou o afastamento de outros. No entanto, a sua realidade é interrompida por histórias de fundo sobre as suas famílias. Por causa de uma mãe doente ou de um pai abusador, estes jovens têm de encontrar uma forma de lidar com tudo o que a vida (adulta) traz.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

► Sábado [15] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ATRÁS DAS NUUVENS

de Jorge Queiroga

com Ruben Leonardo, Nicolau Breyner, Sofia Grilo

Portugal, 2006 – 87 min | M/6

Paulo, um rapaz de 9 anos, vive com a mãe em Lisboa. Um dia, descobre algumas fotografias e, nelas, o avô que não conhece. Decide procurá-lo, nem que para isso tenha de iludir a mãe. Num monte alentejano, encontra finalmente o avô Miguel, um excêntrico solitário. A viagem prosseguirá agora a dois num antigo e fantástico carro que

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN	03
CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:	
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70	08
IN MEMORIAM ROBERT REDFORD	14
IN MEMORIAM DIANE KEATON	15
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO	
– WOMEN’S FILM FESTIVAL	15
VIAGEM AO FIM DO MUDO	16
CENTENÁRIO DE MARIA BARROSO	17
SESSÃO DE CURTAS METRAGENS PRÉMIO MÁRIO RUIVO	17
O QUE QUERO VER	17
ANTE-ESTREIAS	17
CALENDRÁRIO	18

AGRADECIMENTOS

Silvestre Pestana, Vítor Pomar, Fernando Curado Matos; Regina Guimarães, Saguenaíl; Teresa Villaverde; Adriana Areal Calvet, Leonor Areal, Isabel Alves, Isabel Sarmento, Cecília Vieira de Freitas, Catarina Mourão, Emília Nadal; Hugo Aragão Correia, Pedro P. Santos (RTP); Branca Cuvier, Filipe Duarte; Lynanne Schweighofer (Library of Congress); Katie Trainor (MoMA–The Museum of Modern Art); Phil Clark (The Cinema Museum)

CAPA

NOTHING SACRED de William A. Wellman [Estados Unidos, 1937]
contracapa – SEM TÍTULO de António Palolo [1972–76]



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN

Talvez seja uma proposta de vanguarda, em contracorrente com a pauta de acontecimentos isolados atualmente vigente: a imersão numa retrospectiva de autor de cinema clássico à moda clássica, a saber, panorâmica e o mais abrangente possível sendo que o alcance é considerável – uma incursão no coração da Hollywood de meados dos anos 1920 aos finais dos 1950, para a (re)apreciação de um dos seus cineastas mais singulares e férteis, não obstante subestimado no valor intrínseco dos filmes e na densidade da obra. Foi assim, em anos recentes, com as ambiciosas retrospectivas dedicadas aos pioneiros-clássicos Allan Dwan e Michael Curtiz. É assim com William A. Wellman, alvo de uma primeira retrospectiva na Cinemateca em 1993 (foram mostrados quarenta títulos) e cujo cinema será projetado entre novembro de 2025 e janeiro de 2026, ao longo de uma viagem com todas as paragens possibilitadas pela existência de cópias decentes em projeção (cerca de sessenta títulos, em regra programados em duas sessões). Sucede após os restauros e digitalizações que têm permitido uma circulação mais alargada de 2014 para cá, após o programa Wellman, nesse ano, do festival italiano Il Cinema Ritrovato, e por coincidência um programa fronteiro com o que a Cinémathèque Française acaba de lhe dedicar. É um trajeto ziguezagueante, que procura rimas dentro da obra cruzando filmes de registo e cronologia desordenada no curso de três meses de programação nos quais a afinação dos filmes de género segue a par de curvas fugidas, consolidando um cinema que não só resiste como se aprofunda, criativo, nessas sinuosidades. Por isso, indo buscar a ideia a um dos mais pessoais dos seus últimos filmes em infusão com a rebeldia da personalidade artística, se chama à retrospectiva “O Trilho do Gato – William A. Wellman”.

Provenientes dos arquivos europeus e americanos, a maior parte dos títulos são apresentados em cópias 35 mm, havendo uma série de outros em formato digital de alta-definição resultantes de cuidados processos de digitalização. Há mais informação disponível “em linha” na página da Cinemateca. O texto e as notas que se seguem propõem uma leitura sumária da obra, para a qual muito concorrem os estudos de Frank T. Thompson, seu primeiro biógrafo e estudioso, e William Wellman Jr., o filho ator-produtor que tanto tem feito pela preservação e divulgação da obra de William A. Wellman. Outra fonte de inspiração são as defesas apaixonadas do finlandês Peter von Bagh, do francês Bertrand Tavernier, do português Manuel Cintra Ferreira, a cuja memória se dedica esta retrospectiva. Com ela se espera chegar, no escuro da sala, a novas e antigas sensibilidades espectadoras.

“Ser cineasta é trabalho de um só homem.” Dizia-o William A. Wellman (1896–1975) que não sendo o protótipo do vanguardista, foi um cineasta de inovação e desafio da esquadria das convenções. “Como realizador, travou muitas batalhas, algumas delas com os punhos, pelo direito de fazer os seus filmes à sua maneira”, disse Frank Capra no discurso da cerimónia do D.W. Griffith Lifetime Achievement Award que lhe foi atribuído em 1973. Conhecido como Wild “Bill” Wellman desde os tempos de aviador de combate em França, na Primeira Guerra Mundial, um epítome a que a sua vida de intensos anos no cinema e uns noventa filmes fez justiça (creditados e não creditados, 1923–1958), Wellman foi, desde muito cedo, rapaz de muitos ofícios. Testemunhou-o a um filho dizendo-lhe ter vivido a vida de cem homens e foi esse filho, William Wellman Jr. quem sobre ele escreveu, “Considerem um homem que: foi um delinquente juvenil; jogou hóquei no gelo para ganhar a vida em miúdo; se tornou um ás da aviação na Primeira Guerra aos dezoito anos; foi um desastre como ator mas um bom moço de recados; se tornou realizador e foi despedido de quase todos os estúdios em Hollywood; teve muitas parceiras românticas antes de casar com a mulher ao lado de quem esteve durante trinta e seis anos; teve sete filhos e dezassete netos; ganhou e manteve uma fortuna; se foi embora ao cabo de quarenta anos no alto da sua profissão.” Tal era o homem que lutou pelos seus filmes nos seus termos, no contexto paradoxal do sistema dos estúdios onde trilhou o percurso como realizador contratado mas também o de produtor-realizador independente. Ficou sempre mais associado ao papel de realizador enquanto peça da engrenagem do que como cineasta pleno, um dos grandes, como os reconhecidos John Ford, Howard Hawks ou Raoul Walsh, não obstante as características pioneiras do seu trabalho, a sua quota-parte na matriz clássica do cinema de Hollywood, da modernidade de várias das suas obras na filmografia de trinta e cinco anos de trabalho, ou das obras-primas, do “revolucionário” WINGS (1927) em diante. O movimento de câmara dianteiro que sobrevoa um populoso salão de convivas, mesas e taças de champanhe nesse filme, continua a ser um exemplo de mestria, além das sequências aéreas captadas em aviões veridicamente manobrados por atores com câmaras acopladas, inaugurando o “filme de aviação” como subgénero do “filme de guerra”. Talvez tenha sido o género mais trabalhado por Wellman, que igualmente se esmerou em todos os outros, bem como numa original fusão de géneros numa mesma obra: melodrama (BEGGARS OF LIFE), drama (THE PRESIDENT VANISHES), ação e aventura (BEAU GESTE, ROBIN HOOD OF EL DORADO), o filme criminal e de *gangsters* (THE PUBLIC ENEMY), musical (THE LADY OF BURLESQUE), *western* (THE OX-BOW INCIDENT), comédia (NOTHING SACRED), realismo social (HEROES FOR SALE); mas também filmes da ligação dos humanos e da natureza (THE CALL OF THE WILD, ACROSS THE WIDE MISSOURI), proto feministas (NIGHT NURSE, WESTWARD THE WOMEN), obras autorreflexivas (YOU NEVER KNOW WOMEN, A STAR IS BORN) ou quase abstratas e inclassificáveis (TRACK OF THE CAT).

Fez a travessia do mudo ao sonoro, do preto-e-branco à cor e ao Technicolor, pré e pós Código de Produção nos anos 1930, a época esplendorosa em que assinou a realização de vinte e nove títulos (!), da proeza de DANGEROUS PARADISE à de THE LIGHT THAT FAILED. Trabalhou com os vários estúdios, começando pela Fox e pela Paramount, e com todos os grandes produtores, com quem teve cumplicidades e zangas. Foi um agregador de equipas, trabalhando bastas vezes com os mesmos técnicos e artistas. Dirigiu muitíssimos atores, descobrindo não poucos talentos que se firmariam estrelas (da grandeza de Gary Cooper, Clark Gable, John Wayne, Barbara Stanwyck ou Ida Lupino), enquadrando no formato quadrado, panorâmico e CinemaScope, filmou muito, por vezes projetos que pouco lhe interessavam, a troco de filmes tão pessoais como, por exemplo, WILD BOYS OF THE ROAD, na década de 1930, GOOD-BYE, MY LADY, na de 1950, ou o célebre WINGS e o último, LAFAYETTE ESCADRILLE, que sonhou durante largos anos e que filmou prescindindo do salário e comprometendo-se a realizar dois outros projetos sem reservas, mas cuja finalização adulterada o levou a autoafastar-se do cinema pelos sessenta anos.

William A. Wellman chegou a Hollywood com o espírito aventureiro que era seu, depois da experiência de combate, perdas traumáticas, o reconhecimento de herói de guerra (com uma Croix de Guerre por bravura sob fogo). Em 1917, voluntariou-se para o serviço de ambulâncias em França, antes de os EUA entrarem na Primeira Guerra, e depois juntou-se à Legião Estrangeira, tornando-se piloto de caças numa unidade do corpo aéreo francês composto por aviadores americanos. Integrara o corpo aéreo do Exército do seu país e servira de instrutor de voo em San Diego antes do final da guerra, aceitando, no termo do conflito, a ideia de Douglas Fairbanks de que rumasse a Hollywood onde encontraria trabalho na indústria cinematográfica. Depois de participar como ator em THE KNICKERBOCKER BUCKAROO (1919), escolheu ser realizador, aprendeu a ver filmes (como espectador) e na tarimba (de mensageiro a assistente de realização e realizador), velozmente e (quase sempre) a proveito dos orçamentos e do número de dias de rodagem. Quando se afastou do cinema, publicou *A Short Time for Insanity: An Autobiography* (1974). A tenacidade, a irreverência, a criatividade artística, uma peculiar energia, sentido de ritmo, de enquadramento, de paisagem, do dramatismo da chuva são marcas suas. Clint Eastwood, que Wellman dirigiu na juventude do ator no seu último filme, de 1958, chama-lhe “o eterno rebelde, sempre a tentar uma coisa nova”.



WILLIAM A. WELLMAN fotografia de rodagem de YOUNG EAGLES, 1930

- Terça-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sábado [29] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOTHING SACRED

Nada É Sagrado
de William A. Wellman
com Carole Lombard, Fredric March,
Charles Winninger, Walter Connolly
Estados Unidos, 1937 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 4 COM APRESENTAÇÃO

Não é o mais típico Wellman, é um filme único, e dos que mais estimava, desde logo por tê-lo construído à volta de Carole Lombard. Ao lado de Fredric March, no papel do jornalista que cobre, e alimenta, a história, a atriz interpreta uma mulher a quem é, erradamente, diagnosticada uma doença fatal por envenenamento, o que leva a uns dias de vida sonhada em Nova Iorque e a uma inaudita comoção nacional. As personagens, como a situação, são uma fraude, o frenesim é permanente, a violência da sátira ao mundo do sensacionalismo é tão extrema como a graça que tem. Uma produção Selznick, em Technicolor, a partir de um argumento creditado a Ben Hecht. “A característica mais abençoada de Wellman era a sua irreverência, cuja plenitude brilha no absurdo total de NOTHING SACRED, rara entre as mais geniais comédias *screwball* dada a substância patego-imbecil”, argumentava Peter von Bagh (Il Cinema Ritrovato, 2014). Frank T. Thompson via-o como uma “comédia negra” porque todas as subtilezas giram à volta da ideia da morte, alinhada com ganância, oportunismo, traição. Nada é sagrado. A apresentar em digital.

- Quarta-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ROXIE HART

É Bonita, Apresenta-se Bem!
de William A. Wellman
com Ginger Rogers, Adolphe Menjou,
George Montgomery, Lynne Overman, Nigel Bruce
Estados Unidos, 1942 – 74 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Dedicada “A todas as mulheres que cravejaram os maridos de balas por despeito”, e abrindo numa noite de chuva para um rol de *flashbacks* com movimentos de câmara tão fluidos como rigorosos – o elemento, um dispositivo e uma característica de Wellman – esta sua incursão na comédia *screwball*, com argumento de Nunnally Johnson a partir da peça *Chicago* (1927), retoma a sátira ao jornalismo sensacionalista de NOTHING SACRED e a ideia do espetáculo acima dos mínimos de decência. Ginger Rogers é Roxie Hart, uma candidata a atriz persuadida a confessar um crime não cometido como golpe publicitário. O filme trabalha a irrisão e a caricatura num registo *noir* com um ritmo delirante e a graça de pernas dançarinas, a partir dos palcos de um bar, da prisão e do tribunal. “Não há nem personagens nem instituições que saiam incólumes deste ‘massacre’, principalmente os chamados terceiro e quarto poder, a justiça e a imprensa.” (Manuel Cintra Ferreira) A apresentar em 35 mm.

- Quarta-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Sábado [15] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PUBLIC ENEMY

de William A. Wellman
com James Cagney, Jean Harlow, Edward Woods, Joan Blondell,
Donald Cook, Leslie Fenton, Mae Clarke
Estados Unidos, 1931 – 83 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A partir de um argumento baseado no romance não publicado *Beer and Blood* de dois jornalistas contemporâneos das ações criminosas de Al Capone em Chicago, nos anos 1920, THE PUBLIC ENEMY estabeleceu a personalidade do *gangster* nos filmes dos anos 1930 (alvo especial da vontade de regulação censória do Código de Produção), alinhando um trio arquétipo com LITTLE CAESAR de Mervyn LeRoy e SCARFACE de Howard Hawks. Poderoso retrato do período da Lei Seca, revelou James Cagney no papel do jovem aventureiro transformado num perigoso bandido, que profere a mais célebre réplica de um filme de *gangsters*: “I ain’t so tough.” James Cagney, primeiramente indicado para o papel interpretado por Edward Woods, protagoniza planos alucinantes e cenas inesquecíveis, incluindo o primor de misoginia que é a cena de pequeno-almoço em que esmaga uma toranja no rosto de Mae Clarke. “O que faz de PUBLIC ENEMY um filme sem rival no seu género é a energia que Wellman lhe incute [...e um] abalo telúrico” (Manuel Cintra Ferreira). A apresentar em digital.

- Quinta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

CHINATOWN NIGHTS

A Fronteira da Morte
de William A. Wellman
com Wallace Beery, Florence Vidor, Warner Oland,
Jack McHugh, Jack Oakie
Estados Unidos, 1929 – 83 min
legendado eletronicamente em português | M/12

“Uma história absurda do princípio ao fim”, escreveu-se no *New York Times* em abril de 1929 sobre este drama criminal baseado em *Tong War* de Samuel Ornitz, em que Wallace Beery, na pele de um bandido, salva Florence Vidor, na da jovem em visita turística a Chinatown, em São Francisco, que é apanhada numa luta de criminosos rivais: apaixonam-se e ela dedica-se a resgatá-lo das garras do crime. Foi rodado como um filme mudo em finais de 1928, mas o produtor David O. Selznick e Wellman decidiram convertê-lo num filme falado, acrescentando cenas dialogadas e efeitos sonoros. “O resultado foi notável; tinha a novidade popular do sonoro ainda assim mantendo toda a fluidez do cinema mudo. [...] É um filme assaz curioso, uma espécie de reflexo invertido, tipo pesadelo, de BROKEN BLOSSOMS.” (Frank T. Thompson) “É o exemplo acabado do que os realizadores de Hollywood imaginavam como o filme falado do futuro. No ritmo, trabalho de câmara, e desenho geral, é essencialmente um filme mudo, ainda com uma banda musical constante e intertítulos narrativos.” (William K. Everson). Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.

- Quinta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Quinta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MAN I LOVE

de William A. Wellman
com Richard Arlen, Mary Brian, Olga Baclanova,
Harry Green, Jack Oakie, Pat O'Malley
Estados Unidos, 1929 – 70 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Na passagem do mudo para o sonoro, esta produção David O. Selznick (em dupla com CHINATOWN NIGHTS), é parcialmente falada e tem uma banda musical com efeitos sonoros síncronos como foi hábito nessa transição (dos *part-talking pictures*). Escrita por Herman J. Mankiewicz, a história é de um pugilista pouco sofisticado (Richard Arlen) a quem move o objetivo de ser campeão e que, na esfera privada, vive o amor pela mulher e um envolvimento paralelo com uma beldade da dita alta-sociedade. Nos antípodas do fausto dos meios de produção de WINGS, é notado como exemplar da habilidade de Wellman em fazer alguma coisa de nada. “Talvez seja o primeiro filme que é verdadeiramente representativo de Wellman. Contém a totalidade das marcas características que definem o resto da sua carreira”, como a capacidade de sugestão, inteligência e imaginação, um plano-sequência memorável, enquadramentos e movimentos de câmara inspirados (Frank T. Thompson). Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.

- Sexta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NIGHT NURSE

de William A. Wellman
com Barbara Stanwyck, Clark Gable,
Ben Lyon, Joan Blondell
Estados Unidos, 1931 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos primeiros filmes com Barbara Stanwyck numa grande personagem feminina de Wellman, e no qual Clark Gable tem uma das suas primeiras aparições marcantes. “O que Wellman fez com James Cagney em THE PUBLIC ENEMY teve de fazer com Barbara Stanwyck nos três filmes que realizou com ela na Warner Bros. Como Frank Capra, Wellman adorava Stanwyck, via-lhe a garra e o talento, a mulher sem rodeios tão à vontade

em casa, numa cena de amor, como aos murros a alguém.” (Frank T. Thompson) É um surpreendente filme pré-Código, de vitalidade transbordante, filmado no estilo duro e seco que caracteriza tantos e tão bons Wellman. Segue a história de uma enfermeira recém-formada que, no turno da noite, se confronta com um mundo corrupto e selvagem a que falta compaixão. A sequência inicial que segue uma ambulância acelerada pela cidade é de antologia, como de antologia é o desfecho, de novo motorizado, e em que um homicídio rima com a ligeireza da corrida em *happy end*. A apresentar em digital.

- **Sábado [08] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Sábado [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

A STAR IS BORN

Nasceu Uma Estrela

de William A. Wellman

com Janet Gaynor, Fredric March, Adolphe Menjou, May Robson, Andy Devine

Estados Unidos, 1937 – 111 min
legendado eletronicamente em português | M/12

É o primeiro Wellman da sequência de dois esplendores títulos produzidos por Selznick (NOTHING SACRED), que o cineasta distinguia como um produtor com visão, e com quem fez – não *para*, mas *com*, sublinhava – duas obras exímias do sistema dos estúdios que são trabalhos profundamente pessoais. O projeto apresentado a Selznick intitulava-se “It Happened in Hollywood”, uma história de bastidores, assente em recordações. Segundo Wellman, “Tudo o que se passava aconteceu a alguém que eu conhecia bem, por vezes *demasiado* bem.” Integrou alterações e contributos, foi o seu primeiro filme a cores, um trabalho brilhante e inovador com o novo processo Technicolor tricrómico, a iluminação sugestiva dos planos, enquadramentos e ritmo inventivos, a circularidade narrativa. Distinguido com o Óscar de melhor argumento original e um outro pela fotografia, foi um dos maiores êxitos de Wellman, emparelhando com WINGS, THE PUBLIC ENEMY ou BEAU GESTE. Na cerimónia de 1937, Wellman ofereceu a estatueta de argumento a Selznick, que lhe deixou esta nota no guião de rodagem: “Para o Bill – que aceitou o prêmio! – mas que devia tê-lo ganhado pela doçura, realização e insanidade! Com amor do seu ex-guardião, David.” O primeiro *remake* musical de A STAR IS BORN (Cukor, 1954) obnubilou durante décadas o filme de Wellman. A apresentar em cópia digital.

- **Segunda-feira [10] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Sexta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina**

STINGAREE

Bandoleiro do Amor

de William A. Wellman

com Irene Dunne, Richard Dix, Mary Boland, Conway Tearle

Estados Unidos, 1934 – 77 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Segundo Wellman em 1934 (depois de LOOKING FOR TROUBLE, uma produção 20th Century Fox), STINGAREE foi pensado pela RKO à medida de Irene Dunne, em contracenagem com Richard Dix. A atriz interpreta uma ingénua serviçal atraída por um salteador que se dedica a roubar os ricos e vê nela um talento de cantora de ópera, a personagem do ator, Stingaree. O enredo de ação e aventura com romance, traços de western e musical, situa-se na Austrália de finais do século XIX, o que faz do protagonista uma espécie de Robin dos Bosques – é também alguém capaz de, entre demais diligências, raptar um crítico de música renomado para ouvir a aspirante a cantora. A RKO apregoava “O romance volta a atacar... o amor nos braços do perigo... as estrelas do imortal CIMARRON [Wesley Ruggles, 1931] voltam a juntar-se noutro glorioso romance da vida em fronteiras longínquas da terra.” Primeira apresentação na Cinemateca, em digital.

- **Segunda-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Sexta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

FEMALE

de Michael Curtiz

(William Dieterle e William A. Wellman, não creditados)

com Ruth Chatterton, George Brent, Lois Wilson

Estados Unidos, 1933 – 60 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O sexo, o poder e a perspetiva feminina são os ingredientes de FEMALE, em que o abuso e o assédio são outros dados de partida, tudo se estruturando na inversão dos papéis convencionais feminino-masculino: Allison, a personagem de Ruth Chatterton, é proprietária e gerente de uma fábrica de automóveis, herdada do pai, e tem uma relação peculiar com os empregados do sexo masculino que tem por hábito convidar para efémeros encontros privados. Até que Jim, um inventor, lhe troca as voltas ao recusar uma das suas propostas de horário pós-laboral. William Dieterle e William A. Wellman têm responsabilidade não creditada na realização de algumas cenas. “Foi alvo da reprovação dos sectores conservadores de Hollywood que consideraram ‘repugnantes as tendências sexuais da protagonista’ e não encontraram ‘nenhuma justificação’ para esta história. Estranho seria.” (Maria João Madeira) A apresentar em digital.

- **Terça-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Segunda-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE HATCHET MAN

de William A. Wellman

com Edward G. Robinson, Loretta Young, Dudley Digges, Leslie Fenton, Edmund Breeze

Estados Unidos, 1932 – 74 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Primeiro dos cinco Wellman em 1932, THE HATCHET MAN (uma produção First National como SAFE IN HELL) emparelha com SO BIG!, THE PURCHASE PRICE, LOVE IS A RACKET, THE CONQUERORS. Conta uma história do mundo ritualizado da Chinatown de São Francisco (como CHINATOWN NIGHTS), com um elenco de atores caucasianos em papéis de orientais. Edward G. Robinson é Wong Low Get, um executor forçado a matar um amigo de infância que, antes de morrer, lhe pede que tome conta da filha pequena. Jovem adulta, a rapariga (interpretada por Loretta Young) apaixonou-se por um bandido, o que desencadeia uma série de outras questões dramáticas. É um título que tira partido do exotismo, associando-o ao filme de *gangsters*, em que relevam as qualidades da mise-en-scène, fotografia, decoração, ambiente. “Continua a ser um exemplo da arte consumada [de Wellman], no uso das sombras, da sugestão e também da violência.” (Manuel Cintra Ferreira) A apresentar na cópia 16 mm atualmente disponível.

- **Terça-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Terça-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE PURCHASE PRICE

de William A. Wellman

com Barbara Stanwyck, George Brent, Lyle Talbot, Hardie Albright, David Landau

Estados Unidos, 1932 – 68 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Talvez seja um dos filmes mais bizarros de Wellman e de Stanwyck, com a atriz no papel de Joan, uma cantora da noite nova-iorquina que abandona o namorado criminoso e, trocando de identidade, se torna noiva por correspondência de um humilde agricultor no Dakota do Norte. As premissas, e o casamento assim arranjado, desencadeiam uma série torrencial de peripécias. Como LOVE IS A RACKET, o filme navega vários géneros em que pontuam a comédia e o melodrama. Na rodagem de uma dramática cena de incêndio nos campos de trigo, a atriz recusou ser substituída por uma dupla e interpretou-a brilhantemente, pagando o preço de ir parar ao hospital com queimaduras em ambas as pernas. “Wellman mostra uma admirável desconsideração pela plausibilidade e pela motivação e conclui um filme digno de Luis Buñuel.” (Frank T. Thompson) Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.



STINGAREE

- **Quarta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Quarta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SO BIG!

de William A. Wellman

com Barbara Stanwyck, George Brent, Dickie Moore, Bette Davis

Estados Unidos, 1932 – 81 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado no romance de Edna Ferber (Pulitzer em 1925 e um *best-seller* nos EUA), várias vezes adaptado ao cinema, o filme segue sessenta anos de vida de uma mulher lutadora, Selina Peake, contando uma história de emancipação feminina que retrata uma relação mãe-filho. A protagonista é interpretada por Barbara Stanwyck e Bette Davis surge num

papel inicial, pelo qual sempre manifestou apreço. Apesar de a personagem da órfã que casa com um camponês e, enviuvando, dedica a vida à educação do filho de ambos, “So big”, ser atípico para Stanwyck, a atriz é o grande trunfo do filme. “Com a adorável Barbara Stanwyck como gostaram dela em *ILLICIT* [Archie Mayo, 1931] e *NIGHT NURSE*”, dizia o cartaz. Num elogio de época, o crítico do *The New York World-Telegram* escreveu, “Barbara Stanwyck afirma-se definitivamente junto deste escriba como uma brilhante atriz emocional.” Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.

- Quarta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BLOOD ALLEY

Aldeia em Fuga

de William A. Wellman

com John Wayne, Lauren Bacall, Paul Fix, Joy Kim

Estados Unidos, 1955 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Produzido e protagonizado por John Wayne, num par romântico com Lauren Bacall, é o quinto dos seis títulos realizados por Wellman para a companhia de Wayne entre *ISLAND IN THE SKY* e *GOOD-BYE, MY LADY* (1953–56). O filme de aventuras ambientado na China contemporânea da década de produção, e filmado nas cercanias de São Francisco com um elenco maioritariamente caucasiano, tem Wayne no papel, inicialmente atribuído a Robert Mitchum, de um capitão da marinha mercante em escala numa aldeia cuja população tenta fugir desgostada com o regime comunista. Trata-se de um filme de mensagem anticomunista, realizado (numa escolha de Wayne) após *TRACK OF THE CAT* (uma escolha de Wellman) relativamente convencional. A apresentar em 35 mm.

- Quinta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WESTWARD THE WOMEN

Caravana de Mulheres

de William A. Wellman

com Robert Taylor, Denise Darcel, Hope Emerson, John McIntire, Renata Vanni, Julie Bishop

Estados Unidos, 1951 – 116 min

legendado eletronicamente em português | M/12

É um filme proto feminista como, na filmografia do masculino Wellman nos anos 1930, *NIGHT NURSE* com Stanwyck e *SAFE IN HELL* com Mackaill, ou *FRISCO JENNY* e *LILLY TURNER* com Chatterton. Também westerns dos anos 1950, *THE OX-BOW INCIDENT* e *YELLOW SKY* são mais reconhecidos do que este fabuloso retrato de grupo assente numa caravana de corajosas pioneiras (conduzida por um homem, Robert Taylor) que atravessa o Oeste rumo a uma localidade onde encontrarão maridos escolhidos por fotografia. A partir de uma história original de Frank Capra, uma obra-prima de Wellman rodada nas montanhas do Utah e nos desertos da Califórnia, a épica aventura de luta pela sobrevivência decorre em esplêndidos ambientes naturais com chuva, poeira, tempestades, um acidente mortal, um parto, entre demais incidentes e muita imprevisibilidade. “WESTWARD THE WOMEN é um forte candidato a melhor western de Wellman. [...] Talvez seja por isso que é menos conhecido do que devia: sem estrelas femininas em destaque, é de facto sobre um coletivo. É sobre os que ‘morreram sem nome, mas alcançaram a imortalidade’”. (Peter von Bagh) A apresentar em 35 mm.

- Sexta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

LOVE IS A RACKET

de William A. Wellman

com Douglas Fairbanks Jr., Ann Dvorak, Frances Dee

Estados Unidos, 1932 – 72 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Ambientado no mundo do jornalismo nova-iorquino, a partir de um romance de Rian James, é o filme em que Douglas Fairbanks Jr. interpreta o papel de um sofisticado colunista social da Broadway que se apaixona por uma vedeta extravagante e se vê envolvido no mundo do crime e da corrupção, tentando manter a integridade. Uma comédia dramática com traços policiais, que cruza géneros, mudanças de tom e de ritmo, característicos do cinema de Wellman. Na sua filmografia, antecipa as incursões no jornalismo sensacionalista de *NOTHING SACRED* e *ROXIE HART*. “Onde mais se evidencia a “mão” de Wellman [...] é nas *trouvailles* da encenação e num certo picaresco em tons fortes. [...] Uma comédia curiosa.” (Manuel Cintra Ferreira) A apresentar em 35 mm.

- Sexta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Quinta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

REACHING FOR THE SUN

de William A. Wellman

com Joel McCrea, Ellen Drew, Eddie Bracken, Albert Dekker

Estados Unidos, 1941 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Volta a retratar-se a Grande Depressão e os desafios enfrentados pela classe trabalhadora americana na história de amor do magnífico casal composto por Joel McCrea e Ellen Drew, Russ e Rita, que tentam uma vida desafogada em Detroit, onde se conhecem quando ele aí se instala, empregando-se numa fábrica de automóveis porque sonha com um terreno para caçar e pescar na sua terra. Foi o primeiro dos catorze Wellman nos anos 1940, quando o cineasta começou a sofrer problemas de saúde decorrentes da



sua vida de combatente de guerra, não mais repetindo a vertiginosa produtividade da década anterior. Esta produção Paramount pouco parece ter-lhe interessado porventura – verbalizaram elementos da equipa anos mais tarde – dadas as afinidades comunistas do enredo. O caso é que boa parte da filmagem em Chicago foi feito pela equipa da segunda unidade chefiada por Joseph Youngerman. Ficou célebre uma fabulosa cena de combate na fábrica. Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.

- Segunda-feira [17] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MIDNIGHT MARY

de William A. Wellman

com Loretta Young, Ricardo Cortez, Franchot Tone

Estados Unidos, 1933 – 76 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Como realizador contratado com a obrigação de aceitar filmar os argumentos que lhe fossem atribuídos pelo estúdio, Wellman foi despachado num empréstimo à MGM por Zanuck quando reivindicou, junto deste e de Jack Warner, um projeto distinto da linha melodramática dos filmes antecedentes com a estrela Ruth Chatterton (que viria a retirar-se em 1938). Calhou-lhe um série B, protagonizado por Loretta Young no papel de Mary Martin que é julgada por homicídio numa história que progride por *flashbacks* a partir do tribunal seguindo o caso de uma mulher que sobrevive numa grande cidade envolvendo-se com um *gangster* e um advogado. “MIDNIGHT MARY é considerado como a única vez em que a MGM produziu um filme Warner Brothers.” (William Wellman Jr.) A apresentar na rara cópia 16 mm atualmente disponível.

- Terça-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [24] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LADY OF BURLESQUE

Noite Fantástica

de William A. Wellman

com Barbara Stanwyck, Michael O’Shea, Iris Adrian

Estados Unidos, 1943 – 91 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Construído como um peculiar híbrido de género a partir do romance autobiográfico de Gypsy Rose Lee (*The G-String Murders*, 1941), “é uma comédia-musical-drama-mistério com homicídio” que decorre num teatro burlesco, sintetiza Frank T. Thompson adiantando como *LADY OF BURLESQUE* “está muito próximo dos filmes coletivos de homens de Wellman [com as mesmas lealdades e conflitos], salvo que a maior parte das personagens principais são mulheres”. Aproximável a *ROXIE HART* pela representação dos bastidores do mundo do espetáculo e, pelo retrato de grupo, a *THE OX-BOW INCIDENT*, estreado na mesma semana, foi o último Wellman com Barbara Stanwyck e nova oportunidade de esta irradiar talento e versatilidade. A história é a de uma atriz de variedades e *stripper* suspeita de ter assassinado uma rival, que se dedica a desmascarar o verdadeiro culpado. A acidez da intriga, como os diálogos, ousados e cheios de subentendidos, o estilo e o ritmo do filme levantaram questões com Código de Produção de Hollywood. Primeira apresentação na Cinemateca, em digital.

- ▶ Quarta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

DANGEROUS PARADISE

Paraíso Perigoso

de William A. Wellman

com Nancy Carroll, Richard Arlen, Warner Oland,
Gustav von Seyffertitz, Francis McDonald

Estados Unidos, 1929 – 58 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Pré-Código e da passagem do mudo ao sonoro, é um título que na obra de Wellman faz par com SAFE IN HELL (1931), “o mais conradiano dos [seus] filmes” (Manuel Cintra Ferreira), embora seja em DANGEROUS PARADISE que a referência explícita se encontra – o argumento é uma adaptação livre de *Victory* (o romance de 1915) e provavelmente do guião da sua primeira adaptação em Hollywood, no mesmo estúdio da Famous Players-Lasky (VICTORY, Maurice Tourneur, 1919), cujas alterações à complexidade do romance reitera. Numa ilha longínqua, de atmosfera carregada e habitada por toda a espécie de vilões, a personagem da magnífica Nancy Carroll, violinista e cantora numa orquestra feminina, é vítima de abusos generalizados, salvo o cuidado com que é tratada pelo jovem solitário por quem se apaixona. O magoado protagonista masculino é Richard Arlen, no quinto filme com Wellman desde WINGS. A carga sugestiva e elíptica, a qualidade da fotografia em exteriores, os movimentos de câmara, o trabalho dos atores, a inspiração de algumas cenas compõem um grande pequeno filme. A apresentar na rara cópia 16 mm atualmente disponível.

- ▶ Quarta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SAFE IN HELL

de William A. Wellman

com Dorothy Mackaill, Donald Cook, Ralf Harolde,
Morgan Wallace, John Wray, Clarence Muse

Estados Unidos, 1931 – 73 min
legendado eletronicamente em português | M/14

É de uma crueza surpreendente. Conta-se entre os títulos sórdidos da era pré-Código. “*Not for children.*” SAFE IN HELL é estarecedor de sombrio, duríssimo na caracterização das personagens num cenário tropical tornado prisão: Dorothy Mackaill interpreta uma *call girl* de Nova Orleães que, fugindo a uma acusação de homicídio com a ajuda do namorado marinheiro, dá por si numa ilha onde fica sozinha, exposta a um calor sufocante e ao convívio com uma população de foragidos à justiça. *A salvo, no inferno*, a personagem está rodeada “de uma das mais sinistras galerias que o cinema americano jamais juntou”. “O clima de estranheza e a forte carga dramática fazem de SAFE IN HELL uma das obras maiores de Wellman.” (Manuel Cintra Ferreira) Note-se a relevância da presença dos atores afro-americanos Clarence Muse e Nina McKinney, que interpreta um tema (de Muse com Léon e Otis René) que se tornaria um clássico do jazz, *When It's Sleepy Time Down South*. A apresentar em digital.



DANGEROUS PARADISE

- ▶ Sábado [22] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WINGS

Asas

de William A. Wellman

com Clara Bow, Charles “Buddy” Rogers, Richard Arlen, Jobyna Ralston, Gary Cooper

Estados Unidos, 1927 – 138 min
mudo, intertítulos em inglês traduzidos eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

A obra-prima que descolou o subgênero “filme de aviação” à guerra e ao melodrama, à qual “Wild” Bill Wellman se entregou de corpo e alma, num trabalho tão pessoal como arriscado, de todos os pontos de vista, foi-lhe entregue pela Paramount dada a experiência de aviador-combatente na frente da Primeira Guerra. Do ano em que o cinema começou a ser falado, é um dos grandes mudos, de que também houve versão sonorizada (em 1929, com efeitos sonoros e uma banda musical da Movietone), um épico de espetacular realismo que explora o papel do avião como arma de guerra, em que as batalhas aéreas atingem píncaros de coreografia cinematográfica (com câmaras no ar e atores aos comandos) e a experimentação tecnológica e artística é incessante. A história celebra o amor e a fraternidade, pondo a brilhar a (*It*) estrela Clara Bow ao lado de Buddy Rogers e Richard Arlen, em papéis de rivais tornados amigos. E revelando a cintilação futura de Gary Cooper. Primeiro melhor filme do ano da Academia de Hollywood (entregue ao produtor), também distinguido pelos efeitos especiais (sem menção ao realizador que nem convite recebeu para a cerimónia). E de tão grande popularidade que eclipsou, na época, os custos concretos da grandeza da produção (em número de aviões, câmaras, atores e figurantes, meses de rodagem, entre demais acidentadas variáveis). As histórias de bastidores são imbatíveis, a influência na História do cinema, um caso sério. A apresentar em digital, o filme integra também o Ciclo “Viagem ao Fim do Mudo”.

- ▶ Sábado [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LAFAYETTE ESCADRILLE

Contigo nos Meus Braços

de William A. Wellman

com Tab Hunter, Etchika Choureau, Bill Wellman Jr.,
Jody McCrea, Denis Devine, Marcel Dalio,
David Janssen, Paul Fix, Clint Eastwood

Estados Unidos, 1958 – 93 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Novo filme de aviação (o décimo primeiro), a última obra produzida e realizada por Wellman, a partir de uma história original sua, foi um projeto de vida realizada com uma especial entrega (com renúncia ao salário e o compromisso de DARBY’S RANGERS, rodado antes). Foi também a experiência frustrada, curto-circuitada e mutilada por Jack Warner que ditou o fim da filmografia de Wellman por escolha própria. Inicialmente intitulado “C’est la guerre” (“é a vida”) e depois “With You In My Arms”, é um melodrama que retrata a célebre esquadrade de aviação da Primeira Guerra e presta homenagem aos aviadores americanos mortos em França, com material filmado para MEN WITH WINGS (1938). Um conto de jovens heróis, encenando a história verídica de Thad Walker, com Bill Wellman como personagem e episódios ficcionados da sua vida privada quando jovem aviador de combate que teve uma história de amor, calada até perto do fim dos seus dias, com uma jovem francesa vítima de um bombardeamento em Paris. É o único filme de Clint Eastwood-ator realizado por uma das grandes figuras do cinema clássico de Hollywood. William Wellman Jr., Jody McCrea, filho de Joel, e Dennis Devine, filho de Andy, também integram o elenco. A apresentar em 35 mm.

- ▶ Quarta-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FRISCO JENNY

Jenny

de William A. Wellman

com Ruth Chatterton, Louis Calhern, Helen Jerome Eddy, Donald Cook

Estados Unidos, 1932 – 71 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O encontro de Wellman com Ruth Chatterton promovido por Zukor na Warner (FRISCO JENNY, LILLY TURNER) foi tempestuoso num princípio cedo revertido em respeito mútuo. No melodramático FRISCO JENNY, muitas vezes associado a MADAM X (Lionel Barrymore, 1929, também com Chatterton), a atriz protagoniza a história de uma mulher que se sacrifica para proteger o filho, um advogado do Ministério Público que a condena pelo homicídio do homem que ameaçara revelar o laço entre ambos. A ação é desencadeada pela recriação do terramoto de 1906 em São Francisco, determinante do rumo desgraçado da vida de Jenny, que se vê sozinha, mãe de um bebé que é forçada a entregar aos cuidados de uma família e depois perde. Com gravidez sem casamento, prostituição, bordéis, o submundo criminal da Proibição, é uma obra de fulcro pré-Código com elementos de tragédia, em que releva a interpretação de Chatterton filmada por Wellman. Subestimado durante décadas, este filme em que cabem as contradições e a vulnerabilidade humana tem sido redescoberto com a fluidez e a energia do cineasta. Primeira apresentação na Cinemateca, em 35 mm.

Ver mais informações sobre o ciclo aqui ▶



CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Ana Hatherly, Carlos Calvet, E. M. de Melo e Castro, Ângelo de Sousa, Luís Noronha da Costa, António Palolo, Artur Varela, ou Julião Sarmento, são alguns dos artistas portugueses que, nos anos sessenta e setenta, expandiram a sua prática artística ao cinema, prosseguindo, por outras vias, experiências que vinham a desenvolver em áreas como a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia, a *performance*, ou no cruzamento entre estes vários meios. Este é um programa dedicado ao cinema experimental realizado em Portugal por estes e outros artistas, e incluirá nesta primeira parte, que tem lugar no mês de novembro, filmes de Carlos Calvet, Hatherly, Noronha da Costa, Ernesto de Sousa, António Palolo, Julião Sarmento, Lourdes Castro, Helena Almeida, Vítor Pomar, Silvestre Pestana e Fernando Calhau. A lista de nomes é extensa e o número de filmes também, naquele que se pretende um programa exaustivo sobre a obra cinematográfica associada a um conjunto de criadores que, nas décadas de 1960 e 1970, experimentaram o cinema, encarando as possibilidades deste meio como uma extensão do seu trabalho anterior, abrindo novas vias para o mesmo.

À semelhança do contexto internacional, as fronteiras entre o filme e as restantes formas de arte sofreram uma profunda transformação, revelando-se o filme, mas também a fotografia e o vídeo, suportes fundamentais para uma redefinição das práticas artísticas. E se tal se começou a desenvolver no final dos anos 1950 (o caso de Calvet), teve uma maior expressão nas décadas seguintes, em particular na de setenta.

Exibiremos assim na Cinemateca obras realizadas por artistas que, no período em questão, recorreram sobretudo a formatos dito amadores, película de pequenos formatos, nomeadamente Super 8 e 8 mm, mais raramente ao 16mm, e muito residualmente ao vídeo. Se nos centramos sobretudo no suporte fílmico, apresentamos algumas exceções, como é o caso do trabalho de Silvestre Pestana, que acompanha o momento em que o vídeo começava também a dar os primeiros passos, antes da proliferação das câmaras portáteis. A aproximação da obra fílmica destes artistas, pensada a partir do ponto de vista do cinema, procurará assim interrogar as origens de um cinema dito experimental feito em Portugal, insistindo-se para que vários destes filmes sejam projetados nos seus suportes originais.

Este programa, que terá uma segunda parte em meados de 2026, é o resultado de um trabalho continuado de prospeção, conservação e digitalização, desenvolvido ao longo dos últimos anos e que contou com a participação de inúmeros intervenientes. Parte destes títulos serão mostrados em cópias novas, recém-digitalizadas pela Cinemateca, mas sempre que possível serão exibidos nos seus suportes de origem, concluindo-se o programa com uma sessão em que projetaremos filmes exclusivamente em Super 8, 8 e 16 mm.

É entre “filmes de artistas” e “filmes de amadores” que se desenrolam estas sessões, que a par de “obras acabadas”, revelarão um cinema livre, muitas vezes associado ao quotidiano de quem o fazia com a sua pequena câmara, um cinema documental ou diarístico, mais ou menos narrativo. Trabalhos que registam um encontro entre amigos, numa clara insistência na importância da relação arte/vida, documentam uma exposição ou uma *performance* e que se juntam a outros que se apropriam de imagens pré-existentes ou envolvem a manipulação expressa de imagens e sons, mais explicitamente conotados com o cinema experimental. São filmes frequentemente mudos, cujo som era o dos pequenos projetores na sala, que poderemos ouvir em algumas sessões.

► Quarta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA CARLOS CALVET

MOMENTOS NA VIDA DO POETA

com Mário Césariny, João Rodrigues

Portugal, 1964 – 12 min / mudo

VENEZIA 1959

Portugal, 1959 – 10 min / som

ESTUDO DE CAMIONETA ABANDONADA

Portugal, [1960] – 2 min / mudo

FILME EXPERIMENTAL

Portugal, 1963 – 3 min / mudo

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

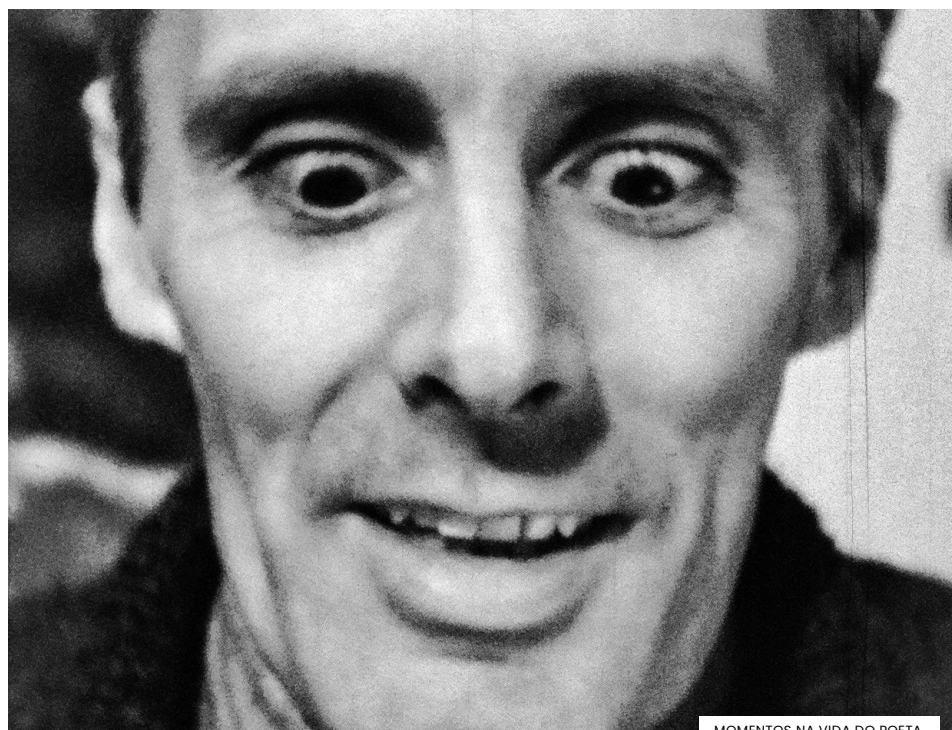
Portugal, 1969 – 7 min / mudo

de Carlos Calvet

duração total da projeção: 46 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Carlos Calvet (1928-2014) foi um pioneiro entre os artistas plásticos que, em Portugal, experimentaram filmar em película, maioritariamente em suportes amadores, o 8 mm e o Super 8, e pioneiro do que podemos chamar de cinema experimental português, que entronca em algumas experiências das vanguardas do final dos anos 1920/1930. Os seus primeiros filmes datam de 1959, ano de *VENEZIA*, trabalho a cores e o único com som da sessão, que revela um olhar apurado em termos de ritmo e composição, o que se manifesta ainda em *ESTUDO DE CAMIONETA ABANDONADA* e *FILME EXPERIMENTAL*. *MOMENTOS NA VIDA DO POETA*, o seu filme mais conhecido, é uma ficção com conotações surrealistas em que retrata Mário Césariny nas suas deambulações por Lisboa e num quotidiano enigmático. Um “cadavre exquis”, como escreveu Calvet. *UM DIA NO GUINCHO, COM*



MOMENTOS NA VIDA DO POETA

ERNESTO documenta um encontro organizado por Ernesto de Sousa, em colaboração com Noronha da Costa e com a Oficina Experimental, que ficou conhecido como "Encontro do Guincho" e contou com a participação de inúmeros artistas e uma *performance* de André Gomes em torno de um "objecto" de Noronha da Costa. Um encontro que terminaria num piquenique/festa, que traduzia o ambiente que marcou esta fase do experimentalismo português. Nas imagens encontramos Ana Hatherly, Artur Rosa, Noronha da Costa, Clotilde Rosa, E. M. Melo e Castro, Fernando Pernes, Helena Almeida, Jorge Peixinho, etc. MOMENTOS NA VIDA DO POETA será projectado duas vezes; na sua versão recentemente digitalizada, mas também em película. Primeiras exibições na Cinemateca.

► Quinta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ANA HATHERLY - 1

THE THOUGHT FOX

Reino Unido, 1974 – 1 min / som

FRAGMENTOS DE ANIMAÇÃO

Reino Unido, 1974 – 1 min / mudo

SOPRO

Reino Unido, 1974 – 1 min / mudo

5 EXERCÍCIOS DE ANIMAÇÃO

Reino Unido, 1974 – 3 min / mudo

C. S. S.

Reino Unido, 1974 – 2 min / som

REVOLUÇÃO

Portugal, 1975 – 11 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

Portugal, 1976 – 20 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

Portugal, 1976 – 15 min / som

ROTURA

Portugal, 1977 – 6 min / som

de Ana Hatherly

duração total da projecção: 60 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Para além do seu trabalho no domínio das artes plásticas e da literatura, Ana Hatherly (1929-2015) também se interessou pelo cinema. REVOLUÇÃO, o seu filme mais conhecido, sucede a um raríssimo conjunto de trabalhos realizados em 1974 e produzidos pela London Film School, na qual Hatherly prosseguiu uma especialização no domínio da animação. Originalmente filmado em Super 8, ampliado para 16 mm e estreado na Bienal de Veneza em 1976, REVOLUÇÃO retrata as paredes, os murais e os *grafitti* das ruas lisboetas do pós-25 de Abril de 1974. THE THOUGHT FOX é uma curtíssima ficção que assina enquanto aluna da escola londrina, pertencendo os restantes filmes de 1974 ao domínio do que habitualmente se considera como animação abstrata. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I e II, que Hatherly designava respetivamente como "operários" e "camponeses", sobressaem pela simplicidade do seu método interrogativo e pelo modo como são questionados os seus protagonistas. ROTURA documenta uma *performance* realizada por Ana Hatherly na Galeria Quadrum em 1977, mostrando o confronto da artista com enormes suportes de papel, que rasga com vigor.

► Sexta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANA HATHERLY - 2

REVOLUÇÃO

Portugal, 1975 – 11 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

Portugal, 1976-2009 – 16 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

Portugal, 1976-2009 – 12 min / som

ROTURA

Portugal, 1977-2007 – 16 min / som

de Ana Hatherly

duração total da projecção: 55 minutos | M/12

Uma sessão que reúne quatro filmes a que Hatherly regressou muitos anos depois, e que mostramos em cópias agora produzidas, partindo dos suportes originais. São quatro das mais importantes obras de Hatherly, que fazem parte de um trabalho, por norma "experimental" na aceção comum do termo, e que se relacionam diretamente com o período revolucionário. Os primeiros são três filmes que, como referiu a artista em 2013 por ocasião de uma outra sessão que organizámos em sua presença na Cinemateca, participam de uma mesma vontade de "dar a voz ao povo". REVOLUÇÃO convoca para o cinema o princípio dos seus "cartazes rasgados" e das pinturas murais pelas quais se disseminavam palavras de ordem, que se cruzam com as palavras dos discursos e da música de intervenção. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I e II parte de um conjunto de questões colocadas a operários e camponeses. Se as diferenças face às primeiras versões são poucas nos três primeiros filmes, ROTURA é apresentado numa versão substancialmente mais longa. A apresentar em cópias digitais.



ROTURA

► Sábado [08] 20h00 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA JULIÃO SARMENTO - 1

ACORDAR

Portugal, 1976 – 3 min / mudo

1, 2, 3

Portugal, 1975 – 3 min / mudo

TV

Portugal, 1975 – 3 min / mudo

MEDIA

de Julião Sarmento, Fernando Calhau

Portugal, 1975 – 8 min / mudo

PERNAS

Portugal, 1975 – 4 min / mudo

CÓPIAS

Portugal, 1976 – 4 min / mudo

FACES

Portugal, 1976 – 45 min / mudo

de Julião Sarmento

duração total da projecção: 70 minutos | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

O cinema ocupou um lugar central na obra de Julião Sarmento (1948-2021) desde 1967. Trabalhando sobre o erotismo ou os impulsos reprimidos de cada um, a sua obra desenvolveu-se em consonância com muito do cinema experimental. Esta sessão reúne os filmes realizados por Sarmento em 1975 e 1976, excluindo-se trabalhos anteriores, dados como destruídos. Entre a representação de relva e de seixos brancos e a sua numeração, 1,2,3 é uma obra em que a estrutura mais se revela. PERNAS e FACES centram-se mais explicitamente na relação entre o desejo e a imagem do corpo feminino. Em TV uma mulher é filmada num duplo alheamento face ao que vê na televisão e face ao facto de estar a ser vista. MEDIA trabalha a fronteira entre a imagem fixa e a imagem em movimento, convocando o próprio movimento de um fotógrafo. CÓPIAS inscreve-se entre a esferas da intimidade e um registo da paisagem em movimento. Kerry Brouguer referia como estes filmes iniciais condessavam grande parte da produção do artista: "o foco na mulher, na sexualidade e na objetificação; a parede monocromática como tela em branco (que seria incorporada nas suas *Pinturas Brancas* duas décadas mais tarde); a fusão entre o corpo e o pano de fundo; e, acima de tudo, a amplificação do próprio *medium* para neutralizar as ilusões cinemáticas e abrir o sentido da imagem." ACORDAR será projetado em Super 8.

► Sábado [08] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LOURDES CASTRO - 1

O AMOR QUE PURIFICA

Portugal, 1970 – 37 min / mudo

TROTOÁRIO AZUL

Portugal, 1970-72 – 33 min

realização coletiva (de Lourdes Castro, René Bertholo, José A. Paradela, Pitum Keil do Amaral, Eduarda e Marcelo Costa, Leonor Bettencourt, João Conceição, Alexandra e Luis Moreira, Marcela Costa, Jorge Sumares)

duração total da projecção: 70 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

A partir da década de 1960, Lourdes Castro (1930-2022) desenvolveu um interesse pela projecção e fixação de perfis e sombras, retratando-as no seu trabalho em materiais diversos, como lençóis, acrílico e papel. As sombras surgem no seu trabalho associadas à procura da depuração e do essencial. Os filmes desta sessão embora não sejam

assinados por Lourdes Castro a solo, revelam o modo como para a artista e para os seus companheiros a arte era indissociável da vida. No verão de 1969 um grupo de amigos juntou-se para realizar um "fotonovelo", projeto que durou algumas semanas e que congregou uma sequência de diapositivos, dois filmes em Super 8, gravação de voz em fita magnética, e duas canções de um disco em vinil. Juntos fizeram O AMOR QUE PURIFICA, uma paródia de um género muito popular na altura. Um ano depois (já sem Pitum Keil do Amaral e Leonor Bettencourt) realizaram um filme em 16 mm a que deram o nome de TROTOÁRIO AZUL, que envolve uma montagem de sequências improvisadas e filmadas em diferentes locais da Ilha da Madeira.

► Segunda-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA – 1

CASA SOBRE CASA

Portugal, 1972 – 3 min

AS TRÊS GRAÇAS

Portugal, 1972 – 3 min

MANUELA

Portugal, 1972 – 5 min

A MENINA MARIA

Portugal, 1972 – 17 min

MURNAU

Portugal, 1972 – 3 min

KARL MARTIN

Portugal, 1974 – 13 min

PADRES

com André Gomes, Rita Azevedo Gomes, Luís Vilaça

Portugal, 1975 – 41 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 85 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Em 2004, fazendo coincidir a iniciativa com a exposição "Noronha da Costa Revisitado" organizada no Centro Cultural de Belém, a Cinemateca revisitou a obra cinematográfica de Luís Noronha da Costa apresentando-o como um pintor com obra na pintura, na escultura, na arquitetura e no cinema, mas também como o autor de uma obra cinematográfica: é-o em sentido metafórico, evidentes que são as relações da sua pintura com o cinema. Mas é-o em sentido próprio. Nos anos setenta, Luís Noronha da Costa (1942-2020) realizou muitos filmes, que sempre considerou fundamentais no seu percurso estético, dos quais apenas um teve uma produção menos caseira e, embora nunca tenha estreado comercialmente, conheceu alguma difusão – O CONSTRUTOR DE ANJOS (1978/9). Esta primeira sessão regressa aos mais antigos filmes de Noronha da Costa: CASA SOBRE CASA, tentativa "impossível" de colar imagem à imagem do real; AS TRÊS GRAÇAS, novo binómio cinema-pintura. Sempre a imagem como espelho ou a imagem como espelho da imagem. MANUELA é um filme sobre e com Manuela de Freitas, filmado na Comuna, pouco depois da criação deste grupo teatral. A MENINA MARIA é uma obra fundamental para a afirmação de Noronha da Costa como cineasta, sendo simultaneamente uma obra de experimentação e um "divertimento" libérrimo. Em KARL MARTIN – Karl, de Marx, e Martin, de Heidegger –, o discurso de Friburgo de Heidegger conjuga-se com o Manifesto do Partido Comunista. "MURNAU, filme, é o fantasma de Murnau tela, prolongando até ao paroxismo o jogo de duplos e o jogo de espectros... PADRES começa com um plano fabuloso que ilumina toda a sessão" (João Bénard da Costa).

► Terça-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LOURDES CASTRO – 2

SOMBRAS POR LOURDES CASTRO

de Manuel Pires, Lourdes Castro

Portugal, 1970 – 9 min / mudo

LINHA DE HORIZONTE. TEATRO DE SOMBRAS

de Catarina Mourão, Lourdes Castro

Portugal, 1981/1986-2010 – 40 min / som

EXPOSIÇÃO DE LOURDES CASTRO NA GALERIA 111

de Manuel Pires

Portugal, 1970 – 11 min / mudo

duração total da projeção: 80 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE CATARINA MOURÃO

Lourdes Castro Iniciou o seu Teatro de Sombras por volta de 1966, primeiro com a colaboração de René Bertholo (com quem fundou o grupo KWY) e depois com Manuel Zimbro, entre 1973 e 1986. Esta é uma sessão dedicada às sombras enquanto elemento central do trabalho da artista, revelador da ligação profunda da sua obra com o cinema. A abrir, um registo fílmico de um "Teatro de Sombras" de Lourdes Castro no Teatro Laura Alves em 1970, em Lisboa, com efeito de luz e de cor de Manuel Pires, que assina a realização. Nestas peças performativas, a artista representa atrás de um lençol várias ações quotidianas, como sombras que se movem no espaço. LINHA DE HORIZONTE é um diaporama realizado por Catarina Mourão (autora do filme LOURDES CASTRO – PELAS SOMBRAS, 2010) e Lourdes Castro, a partir do registo fotográfico feito por Claire Turyn num dos espetáculos em 1985, às quais se juntam a banda sonora original, composta por música e sons ambiente, correspondentes às imagens que vemos. O diaporama é feito a partir do registo de uma *performance* teatral, mas está muito mais próximo da



KARL MARTIN

linguagem cinematográfica. EXPOSIÇÃO DE LOURDES CASTRO NA GALERIA 111 revela-nos imagens dessa importante exposição centrada em sombras e silhuetas. Apresentam-se ainda excertos do filme D'UN PAYS À L'AUTRE, RETOUR AU PORTUGAL, LOURDES CASTRO DE MADÈRE (1976), de José Maria Bersosa, e imagens de A LINHA DO HORIZONTE (1984), de Teresa Vaz da Silva, que registam outros teatros de sombras.

► Terça-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA – 2

"COISAS"

Portugal, 1972-73 – 23min

SEM TÍTULO I

Portugal, 1972-73 – 23 min

SEM TÍTULO II

Portugal, 1973 – 43 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 89 minutos | M/12

Os dois filmes sem título ecoam (ou refletem) as pesquisas de pintura de Luís Noronha, sobretudo na busca da imagem que se forma "aquém do plano da nossa retina". A parte I envolve experiências diversas, incluindo alguns planos com as cabeças referentes ao filme AS TRÊS GRAÇAS. "COISAS" reúne imagens várias filmadas por Luís Noronha da Costa, a que este deu mais tarde esse nome. Nestas obras, as primeiras em que trabalha com atores, Noronha favorece a improvisação livre, que se estende à fotografia do filme ou à pintura representada.

► Quarta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA – 3

D. JAIME OU A NOITE PORTUGUESA

com André Gomes, Rita Azevedo Gomes, António Caldeira Pires

Portugal, 1974 – 62 min

O CONSTRUTOR DE ANJOS

com Suzi Turner, Anthony Peter, Mafalda de Mello e Castro, Eduardo Trigo de Sousa, António Caldeira Pires, Agostinho Alves

Portugal, 1978 – 45 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 107 minutos | M/12

Com PADRES, estes são os títulos de Noronha da Costa em que a componente "ficção" é mais visível. E se só O CONSTRUTOR DE ANJOS teve apoio financeiro do Instituto Português de Cinema e uma pequena equipa de produção, todos eles podem aproximar-se desta por uma eventual filiação no género de "terror", abordado com enorme desenvoltura e grande sentido de humor. Como eles, D. JAIME é dependente dos *gothic films* (ou não fosse Terence Fisher uma das suas grandes admirações). Todas são variações sobre "corpos especulares", evoluindo numa magia luminosa e numa incandescência sensual e sensorial. Simultaneamente, visões irónicas e visões eróticas, são histórias de virgens perversas e sádicos irrisórios, ressuscitados do romantismo alemão e britânico em décors bem portugueses. Luís Noronha da Costa realizou-o, fotografou-o e montou-o, como todos os seus outros filmes, à exceção de O CONSTRUTOR DE ANJOS, fotografado por Acácio de Almeida.

► Quinta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANA HATHERLY – 3

MÚSICA NEGATIVA (PERFORMANCE DE E.M. DE MELO E CASTRO)

Portugal, 1965-1977 – 4 min / mudo

PERFORMANCE DAS VELAS NA S.N.B.A.

Portugal, 1977 – 3 min / mudo

A CONFISSÃO DE MARIANA

Portugal, 1980 – 2 min / mudo

SÉRIE "OBRIGATÓRIO NÃO VER (EXCERTOS)":
ENTREVISTA COM FERNANDO PERNES
EXPOSIÇÃO DE JOCHEN GERZ

Portugal, 1979 – 11 min / som

MÚSICO/TEXTO – ANAR BAND COM E.M. DE MELO E CASTRO

Portugal, 1978 – 24 min / som

EPISÓDIOS – PERFORMANCE DE EMÍLIA NADAL

Portugal, 1979 – 9 minutos / som

de Ana Hartherly

duração total da projeção: 75 minutos | M/12

A sessão é introduzida por um conjunto de *performances* filmadas por Ana Hatherly, que podemos exibir agora em cópias novas. MÚSICA NEGATIVA é uma *performance* de E. M. de Melo e Castro (do qual exibiremos filmes na segunda parte deste programa), documentada por Hatherly. PERFORMANCE DAS VELAS teve lugar na Sociedade Nacional das Belas Artes em 1977 e é a própria artista a protagonista. As imagens de A CONFISSÃO DE MARIANA estão em bruto e foram registadas durante uma *performance* de Hatherly na Galeria de Arte Moderna, em 1980. A sessão prossegue com excertos de um programa que Ana Hatherly produziu para a RTP em 1978 e 1979, cujo título OBRIGATÓRIO NÃO VER é bem ilustrativo da singularidade que lhe preside, revelando ainda como para a artista, a televisão, à semelhança das suas restantes práticas artísticas, se queria experimental. Tratava-se de um programa de atualidade cultural e entre os segmentos encontramos uma entrevista a Fernando Pernes por ocasião de uma exposição de Jochen Gerz, que também vemos nas imagens; uma *performance* de Anar Band (Jorge Lima Barreto e Rui Reininho) com a participação de Ernesto Manuel de Melo e Castro, e a *performance* "Episódios", de Emília Nadal.

► Quinta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA JULIÃO SARMENTO – 2

SOMBRA

Portugal, 1976 – 67 min / mudo

RUMBA

Portugal, 1976 – 3 min / mudo

LANDSCAPE

Portugal, 1980 – 12 min / som

de Julião Sarmiento

duração total da projeção: 82 minutos | M/16

Esta sessão reúne os restantes dois filmes realizados por Sarmiento em 1976 em Super 8, SOMBRA e RUMBA, a que se soma LANDSCAPE, a única das suas duas obras de 1980 que subsistiu, e que foi filmada em Vídeo U-Matic. Em SOMBRA, trabalho ambicioso, dada a sua extensa duração, a iluminação varia lentamente sobre duas mulheres despidas, transformando a imagem erótica num estudo de *chiaroscuro*. Como escreveu André Silveira em *Julião Sarmiento, The Complete Film Works*, "são imagens que pelos seus enquadramentos remetem para o trabalho de pintura do artista". Em RUMBA uma mulher dança a conhecida dança cubana, envergando um vestido de cetim vermelho. Há movimentos próximos dos de PERNAS e uma sugestão musical de algo que não se ouve. Em LANDSCAPE uma ventoinha captada de uma televisão abre um filme cuja protagonista é uma mulher sentada numa cadeira giratória. Uma das características que distingue este trabalho das experiências anteriores de Sarmiento é o recurso ao som. Depois de LANDSCAPE, o artista só voltaria a trabalhar em vídeo em 1996, apresentando uma video-instalação com 2 projeções, iniciando uma nova fase na sua obra.

► Sábado [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA HELENA ALMEIDA

OUVE-ME

Portugal, 1979 – 5 min / mudo

VÊ-ME

Portugal, 1979 – 32 min / som

de Helena Almeida

duração total da projeção: 37 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

OUVE-ME insere-se numa extensa série de trabalhos que Helena Almeida (1934-2018) desenvolveu de 1978 a 1980 intitulada *Sente-me, Ouve-me, Vê-me*, em torno de premissas contraditórias entre a imagem e a sua representação, que atravessam a fotografia, o trabalho de som e o vídeo. OUVE-ME, o primeiro trabalho em vídeo de Helena Almeida, revela a impossibilidade através da ausência de som da palavra "ouve-me" na boca da artista enquanto esta a pronuncia. VÊ-ME é uma peça sonora, em que se ouve o som de um desenho a ser feito em grafite sobre o papel. Como escreveu Isabel Carlos, "significativamente, toda a obra de Helena Almeida não usa a escrita a não ser uma vez.



E para escrever a palavra 'Ouve-me'. Mas esta injunção escreve-se ou escrevinha-se como uma linha de sutura que cose os lábios e impede a saída da voz, ou em frente de um écran-cortina que não deixa passar o corpo que poderia falar, mas não fala, que poderia dizer, mas não diz".

► Sábado [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO – 1

FILMES 1968/1969

Portugal, 1968-69 – 28 min

LIGHTS

Portugal, 1972-76 – 21 min

de António Palolo

duração total da projeção: 49 minutos / mudos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Durante os anos sessenta e setenta, António Palolo (1946-2000) experimentou com os formatos cinematográficos de 8 mm e Super 8 produzindo um grupo extraordinário de trabalhos, com óbvias relações com a sua restante obra plástica. Parte destes filmes recuperam imagens da cultura popular, corpos masculinos e femininos, imagens de *cowboys* e *pin-ups*, personalidades importantes na época, recortadas de revistas, que são colocados em movimento acompanhados de diversas formas geométricas, em obras na sua maior parte a preto e branco. Há ligações óbvias à pop art, ao movimento dada e ao surrealismo, mas também às pinturas que o artista produziu entre 1968 e 1971, nas quais articulava referências pop num estilo aberto à figuração e à abstração. Filmados maioritariamente em Super 8 e com cerca de três minutos cada, encontramos nesta sessão um conjunto de filmes datados de 1968 e 1969. A sessão termina com LIGHTS, iniciado por Palolo em 1972 e concluído já em 1976, no qual é bem claro o interesse pela astronomia e pela cosmologia, que marcará uma fase posterior do seu trabalho. A cor adquire aqui também um importante papel, com o artista a usar filtros de cor em certas partes do filme.

► Segunda-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO – 2

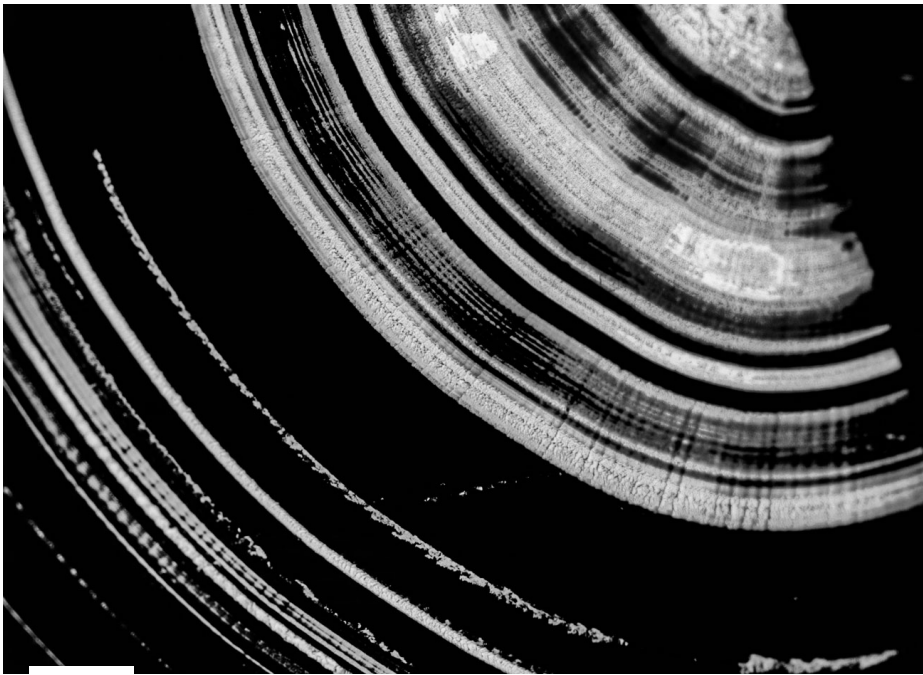
FILMES 1970/1971

Portugal, 1970-71

de António Palolo

duração total da projeção: 40 minutos / mudos | M/12

Esta segunda sessão Palolo concentra-se nos filmes em Super 8 que realizou em 1970 e 1971, e que oscilam entre o que podemos chamar de registo amador e um trabalho mais explicitamente experimental, tendo o mais curto um minuto e o mais longo nove. Inclui-se aqui um dos seus filmes mais conhecidos, em que regista o movimento frenético de um conjunto de formigas num recipiente circular cheio de açúcar. Pelo meio, imagens de Itália, de exposições de António Charrua ou do próprio Palolo. Experiências iniciais que podem também ser relacionadas com as suas pinturas da época face ao modo como se articula a relação entre as formas orgânicas e as formas geométricas, em que transparece mais uma vez a importância do círculo.



DRAWINGS

► Terça-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

DRAWINGS

Portugal, 1971 – 62 min / mudo | M/12
de António Palolo

Uma sequência rítmica de desenhos em contínuo movimento, riscados diretamente na película Super 8, que se transforma num movimento hipnótico de elevada potência visual. As cores, os traços, as linhas da pintura e do desenho ganham toda uma outra força distinta da confinada aos limites da tela ou da folha de papel através da sua ativação pela montagem do cinema e posterior projeção. Um filme de extraordinária beleza que reenvia para toda uma tradição dos filmes sem câmara das vanguardas e do cinema experimental, de Len Lye a Stan Brakhage.

► Quarta-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

GEO-PSICO-VERSO

Portugal, 1980 – 16 min / mudo

HOMESTASIAS

Portugal, 1978-80 – 14 min / som

LIMITE D'AR-TE SÉC. XX

Portugal, 1982 – 6 min / som

3 COMPUTER POEMS

Portugal, 1981, 1982, 1983 – 5, 3, 4 min / mudos

BIOVIRTUAL

Portugal, 1984 – 7 min / som

UNI VER SÓ

Portugal, 1985 – 25 min / som

CRAK

Portugal, 1987 – 3 min / som

de Silvestre Pestana

duração total da projeção: 83 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE SILVESTRE PESTANA

Emergindo de um grupo de poetas experimentais, Silvestre Pestana (n. 1949) aliou as artes visuais à poesia como modo de resistir à censura. Poeta, artista plástico e *performer*, Pestana criou, desde os finais dos anos 1960, uma obra singular numa diversidade de disciplinas, usando o vídeo como um veículo em direto da prática poética e da ação performativa, como testemunham os vídeos-poemas-*performances*, mas também as criações que continua hoje a desenvolver com recurso a outras tecnologias. A abordagem de Pestana ao vídeo foi profundamente vanguardista no Portugal dos anos 1970 e 1980, com uma produção desenvolvida inicialmente no contexto da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e dada em grande parte como perdida. De entre os títulos a apresentar destacamos: GEO-PSICO-VERSO (1980), BIOVIRTUAL, (1984), UNI VER SÓ (1985) e CRAK (1987), com música dos Telectu. GEO-PSICO-VERSO explora a imagem e o seu *continuum* entre signos teatrais, não-linguísticos e de *performance*. BIOVIRTUAL é um vídeo de 1984, mas também uma *performance* que realizou na Fundação Calouste Gulbenkian. Em UNI VER SÓ podemos ver a montagem da própria peça. São filmes que simultaneamente dessacralizam o processo artístico e refutam as convenções da videoarte e da imagem cinematográfica.

► Quinta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA – 1

ALTERNATIVA ZERO

de Fernando Curado Matos
Portugal, 1977 – 40 min / som

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

de Carlos Calvet
Portugal, 1969 – 7 min / mudo

ENCONTRO DO GUINCHO

de Joaquim Barata
Portugal, 1969 – 9 min / mudo

ENCONTRO DO GUINCHO

de Manuel Torres
Portugal, 1969 – 5 min / mudo

duração total da projeção: 55 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Uma sessão centrada em dois acontecimentos que reuniram coletivos de artistas portugueses no final dos anos 1960 e 1970, que tiveram por detrás da sua organização, Ernesto de Sousa (1921-1988), figura determinante nas artes plásticas e no cinema deste período, cuja obra dividimos pelas duas partes deste programa. Em ALTERNATIVA ZERO Fernando Curado Matos documentou em Super 8 a importante exposição organizada por Ernesto de Sousa em 1977 na Galeria de Belém centrada nas "Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea". O Encontro do Guincho foi uma importante reunião organizada por Ernesto de Sousa, em colaboração com Noronha da Costa e com a Oficina Experimental. Foram vários aqueles que o filmaram, entre os quais Carlos Calvet, cujo filme já mostrámos também noutra sessão, mas também Manuel Torres ou Joaquim Barata, que no dia 3 de Abril de 1969 compareceram no Guincho para um *happening*, que depois foi seguido por um convívio. A arte, a festa, a vida. Um encontro de artistas/ amigos em que vemos Ernesto de Sousa, Noronha da Costa, Helena Almeida, Artur Rosa, Jorge Peixinho, Ana Hatherly, Melo e Castro, Fernando Pernes, entre muitos outros.

► Sexta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO – 4

FILMES 1972/1976

Portugal, 1972-76

de António Palolo

duração aproximada da projeção: 60 minutos / mudos | M/12

Esta sessão apresenta-nos a produção fílmica de António Palolo realizada entre 1972 e 1976. Nela vemos imagens do artista a dançar, a fumar e a rir. Imagens de estrelas, excertos de BD, pinturas de Magritte, estátuas, cubos translúcidos, a lua de Melville, imagens de pinturas, nuvens, rostos pop recortados em revistas, alusões a Warhol, figuras grotescas, pop, recortes de revistas, mas também excertos do filme LIGHTS. Com o aproximar do final da década, os filmes de António Palolo passam a tender para o esoterismo e para a metafísica, preparando o caminho para OM (1977-1978).

► Sábado [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO – 5

OM

Portugal, 1977-78 – 96 min / mudo | M/12

de António Palolo

OM funciona como síntese de trabalhos anteriores de Palolo. "Filme genésico, misterioso, em que o pensamento abstrato se transmuta constantemente no concreto da matéria, e o nível microscópico das coisas se permuta com a representação macroscópica do universo." (Miguel Wandschneider, *António Palolo, Os Filmes*, Culturgest 2012). As imagens são feitas de cor, luz e matéria, que o artista constrói a partir de misturas de tintas com outros líquidos na banheira de sua casa.

► Terça-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA – 2

DOM ROBERTO

de Ernesto de Sousa
com Raul Solnado, Glicínia Quartin
Portugal, 1962 – 102 min | M/12

DOM ROBERTO é o filme que melhor espelha a intensa relação de Ernesto de Sousa com o cinema e traduz o seu forte envolvimento com o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica que estaria na origem do Cinema Novo em Portugal. Representou uma inédita experiência em Portugal, tendo sido produzido em regime de "cooperativa de espectadores". O filme ficou na história do cinema português como uma incursão no neorrealismo e representou o primeiro sinal de mudança. É a história, de características chaplinescas, em que um bonecreiro e uma pobre rapariga procuram sobreviver mantendo a esperança face à adversidade. Um título imprescindível para evocar as origens do Cinema Novo, que provocou uma revolução no modo de fazer cinema em Portugal e que foi premiado no Festival de Cannes.

► Quarta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA FERNANDO CALHAU

DESTRUIÇÃO,

Portugal, 1975 – 3 min | mudo

ESPAÇO - TEMPO

Portugal, 1975 – 4 min | mudo

TEMPO

Portugal, 1975 – 3 min | mudo

WALK THROUGH

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

MAR I

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

MAR II

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

MAR III (REMAKE)

Portugal, 1976/2001 – 3 min | mudo

de Fernando Calhau

duração aproximada da projeção: 25 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Pintor de formação, Fernando Calhau (1948-2002) começa no início dos anos setenta um trabalho em séries, caminhando no desenvolvimento de uma linguagem conceptual e minimal. É nesta fase que Fernando Calhau trabalha com novos suportes como o filme Super 8, o vídeo e a fotografia em torno do binómio Espaço/Tempo, temas muito abordados pelo artista. DESTRUIÇÃO, filme de 1975, representa um claro gesto de ruptura com a ordem estabelecida em que o pintor vai escondendo o ecrã até o cobrir completamente. Em 1976, com base num confronto entre a projeção de filmes em Super 8 e a de diapositivos, Fernando Calhau produziu MAR I, MAR II e MAR III, instalações que se relacionavam diretamente com um conjunto de fotografias que desenvolvera em Londres entre 1973 e 1974, que introduziam a dimensão temporal em imagens fixas. Insatisfeito com o registo fílmico de Mar III, em 2001 Fernando Calhau repetiu esse trabalho em vídeo, regressando exatamente aos mesmos locais que registara anteriormente, e assumindo essa nova versão como um "remake".

► Quarta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA – 3

CENTRO INFANTIL HELEN KELLER

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1968 – 15 min / som

CRIANÇAS AUTISTAS

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1969 – 9 min / mudo

QUINTA EXPERIMENTAL (BRUTOS – EXCERTO)

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1958 – 70 min (30 min) / mudo

duração aproximada da projeção: 54 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Três títulos que remetem para a produção documental de Ernesto de Sousa, enquanto cineasta. São apenas alguns de um vasto conjunto de filmes que assinou entre o final dos anos 1950 e 1970, com os mais diversos fins. Filmes que revelam bem as preocupações que atravessaram toda a sua obra, desde uma atenção muito particular à arte popular, aos métodos experimentais (também no ensino), à reinvenção permanente. CENTRO INFANTIL HELEN KELLER e CRIANÇAS AUTISTAS retratam os métodos da conhecida escola lisboeta onde crianças invisuais estudam lado a lado com as outras crianças, e de João dos Santos. De QUINTA EXPERIMENTAL, filme de 1958 de que neste momento só se conhece o material bruto, revelamos imagens (não existe o som) de uma extraordinária beleza, em versão recentemente digitalizada. Nesta sessão apresentaremos um excerto da totalidade desse material.

► Quinta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA VÍTOR POMAR – 1

R (A FILM IN THREE EPISODES)

CRUSH PROOF BOX | HANDLE WITH CARE | CURRICULUM VITAE

de Vítor Pomar, Fabienne da Quasa Rieva Ayats

Portugal, Holanda, 1976-78 – 100 min / som | M/12

COM A PRESENÇA DE VÍTOR POMAR

Depois de estudar Belas Artes, Vítor Pomar (n. 1949) partiu para a Holanda, país onde frequentou a Academia de Haia e a Academia de Arte de Roterdão, aí fixando residência até 1985. Ao longo deste período, sobretudo a partir de 1977, desenvolveu no domínio da produção pictórica uma série de trabalhos que se aproximavam da abstração. Com um percurso indissociavelmente ligado à pintura, Pomar trabalhou ainda noutros suportes, tais como a gravura, a escultura, o filme, o vídeo e a fotografia, datando deste período, os seus primeiros filmes. Próximo do expressionismo abstrato, os filmes experimentais que realiza alternam entre o Super 8 e o 16 mm, estabelecendo um diálogo com as outras artes e reivindicando a herança de cineastas como Stan Brakhage, Jonas Mekas ou Chris Marker. São filmes diarísticos que remetem para o modo como vive no estúdio, na cidade, o seu trabalho, revelando a absoluta indistinção entre a sua vida e a prática

artística. R é um filme composto por três episódios, respetivamente: CRUSH PROOF BOX, HANDLE WITH CARE e CURRICULUM VITAE. No primeiro, o estúdio tem um papel determinante. Como diz Pomar: "CRUSH PROOF BOX, de 1974, foi por aí que começou.: Tirei fotografias no meu estúdio, o primeiro estúdio que tive na Holanda. Durante seis meses, tirei fotografias do próprio quarto. Do quarto e de mim. Depois de filmar estas 140 fotos, cada uma exibida durante 8 segundos, este foi o início. Esse foi o primeiro episódio. Depois acrescentei outros dois episódios, que eram em filme real, em 16 mm. Este tornou-se "R" (de *random*, aleatório)." Filmados a preto e branco e em 16mm, estes "episódios" marcam o início de Pomar no cinema.

► Quinta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA VÍTOR POMAR – 2

FILM / MUSICIAN'S PORTRAIT

Holanda, 1979 – 42 min / som

MY EDUCATION

Holanda, 1974/1980 – 38 min / legendado eletronicamente em português

de Vítor Pomar

duração total da projeção: 77 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE VÍTOR POMAR

Como afirmou Pomar, FILM surgiu "do meu fascínio por músicos de jazz. Naquela época, em Amesterdão, a cena musical era muito animada e interessante. Durante dois anos, gostei muito dela e fiz duas exposições no Bimhuis, um dos espaços importantes para o jazz de lá. Portanto, foi divertido. Eu tinha estas pinturas grandes e, pela primeira vez, estavam realmente presentes na sala. E partilhei muitas experiências com músicos." É um retrato de músicos que conta com Lary Fishkind (tuba), Antonello Salis (piano), Sean Bergin (saxofone soprano), Roberto Bellatalla (baixo) e Hon Singer (violino). MY EDUCATION "é a história da minha relação com o espaço, com a música, e da transformação duma máscara perante o nosso olhar." (Vítor Pomar).

► Sábado [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA PROJEÇÃO EM SUPER 8 / 8 MM / 16 MM

de realizadores vários

duração total da projeção: 60 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Para encerrar a primeira parte deste programa, apresentamos um conjunto de filmes nos seus suportes originais, nomeadamente em Super 8, 8 mm e 16 mm. Uma sessão realizada com o projetor no interior da sala. Não o fazemos mais ao longo das muitas sessões devido à fragilidade do suporte e ao estatuto dos seus materiais, que, mesmo se digitalizados, são na sua maioria materiais únicos. Entre esses filmes projetaremos obras de Julião Sarmento, Fernando Calhau e de Luís Noronha da Costa.



FILM / MUSICIAN'S PORTRAIT



IN MEMORIAM ROBERT REDFORD

Tal como o Jay Gatsby de F. Scott Fitzgerald, que protagonizou em 1974, Robert Redford tinha o tipo de sorriso raro que possui "a quality of eternal reassurance". Charles Robert Redford Jr., que morreu em setembro com 89 anos, destacou-se irremediavelmente pela sua beleza (não protagonizou THE GRADUATE porque nunca ninguém levaria um homem tão bonito a sério no papel que seria de Dustin Hoffman), mas também pela sua versatilidade enquanto ator, muitas vezes em papéis que refletiam as suas políticas liberais e que expandiam (contrariando ou usando com mestria) o estereótipo de louro californiano a que poderia ter sido relegado. Para Sydney Pollack, com quem trabalhou em sete filmes, Redford era uma metáfora personificada da América: "a golden boy with a darkness within". Como ator, ficou conhecido pelas suas personagens românticas (Paul Bratter em BAREFOOT IN THE PARK, com Jane Fonda; Hubbell Gardiner em THE WAY WE WERE, com Barbra Streisand; ou Denys Finch Hatton em OUT OF AFRICA, com Meryl Streep) e pelos seus filmes de consciência política (THE CANDIDATE, ALL THE PRESIDENT'S MEN ou THREE DAYS OF THE CONDOR), bem como pela sua marca indelével na história dos *buddy movies* americanos (BUTCH CASSIDY AND THE SUNDANCE KID ou THE STING, ambos com o amigo de longa data Paul Newman).

Robert Redford desenvolveu ainda uma sólida carreira enquanto cineasta. Pegou no que aprendeu no seio dos estúdios de Hollywood, mas contou histórias à sua maneira em filmes com pendor político ou sobre questões de justiça social, com foco em temas como o luto ou o idealismo e com a natureza como palco frequente. Quando ganhou o Oscar honorário, em 2002, Barbra Streisand apresentou-o como alguém apaixonado por contar histórias que refletem as forças e as vulnerabilidades do espírito americano. Sempre com uma sensibilidade especial para o trabalho dos atores, realizou ao todo nove filmes, entre eles ORDINARY PEOPLE (a sua estreia atrás da câmara, em 1980, com o qual ganhou os Oscars de Melhor Realizador e de Melhor Filme desse ano), A RIVER RUNS THROUGH IT (1992), QUIZ SHOW (1994) ou THE CONSPIRATOR (2010). No final dos anos 1970, juntou os seus ideais ao peso do seu nome com um objetivo simples: providenciar uma plataforma para artistas independentes emergentes. Num papel já de mentor, Robert Redford cofunda o Sundance Institute e, poucos anos mais tarde, o festival de cinema de Sundance (originalmente com o nome Utah/US Film Festival), cujo impacto é inestimável em termos do apoio dado à produção, distribuição e exibição de cinema independente americano. São inúmeros os filmes que saíram de Sundance para reconhecimento internacional, catapultando as carreiras dos seus realizadores: CLERKS de Kevin Smith, FRUITVALE STATION de Ryan Coogler, GET OUT de Jordan Peele, HARD EIGHT de Paul Thomas Anderson, RESERVOIR DOGS de Quentin Tarantino, SEX, LIES, AND VIDEOTAPE de Steven Soderbergh, ou WHIPLASH de Damien Chazelle, para mencionar só alguns. Um legado que se acrescenta a uma carreira emblemática.

► Segunda-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sexta-feira [07] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE CONSPIRATOR

A Conspiradora

de Robert Redford

com James McAvoy, Robin Wright, Kevin Kline

Estados Unidos, 2010 – 122 min / legendado em português | M/12

Oitava e penúltima incursão de Redford na realização, THE CONSPIRATOR é um drama histórico, "filme de tribunal" ("espécie de 12 Homens em Fúria com candeeiros a querosene" nas palavras do crítico da *Variety*) em torno do julgamento militar de Mary Surratt, acusada de envolvimento na conspiração para assassinar Abraham Lincoln (de que seria considerada culpada, tornando-se a primeira mulher a ser executada pelo governo federal), "uma história que poucos de nós conhecem", "que se insere dentro de uma história que todos conhecem – o assassinato de Abraham Lincoln (...)" (Robert Redford) O filme, estreado na mesma semana em que a administração norte-americana recém-eleita de Barack Obama admitiu que, apesar do seu anúncio em contrário, cinco pessoas acusadas de atos de terrorismo seriam julgadas por um tribunal militar (e não por um tribunal civil), teria reações e críticas muito diversas. Em entrevista na época, Redford apontou as semelhanças alegóricas entre THE CONSPIRATOR e as medidas legais extraordinárias promulgadas após o 11 de setembro [de 2001]: "As semelhanças existem, são óbvias, mas não cabe a mim apontá-las [...]. Como não ver Guantánamo, como não ver o Patriot Act, como não ver o *habeas corpus* a ser ameaçado?" Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

OUT OF AFRICA

África Minha

de Sydney Pollack

com Meryl Streep, Robert Redford, Klaus Maria Brandauer

Estados Unidos, 1985 – 161 min / legendado em português | M/12

Um dos mais célebres filmes de todos os tempos, vencedor de sete Oscars da Academia (entre eles o de melhor realização e de melhor filme), OUT OF AFRICA baseia-se num relato autobiográfico (memórias, impressões) da escritora dinamarquesa Karen Blixen, publicado em 1937, que já antes Orson Welles, David Lean e Nicolas Roeg teriam considerado adaptar. Melodrama romântico com a paisagem africana como cenário, OUT OF AFRICA junta pela penúltima vez o "duo" Redford-Pollack iniciado em 1966 em THIS PROPERTY IS CONDEMNED. Do desempenho do seu "cúmplice" neste filme, disse Sydney Pollack "não sei como hei-de classificar o talento de Redford – julgo que a palavra é inclassificável".

► Terça-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BRUBAKER

As Grades do Inferno

de Stuart Rosenberg

com Robert Redford, Yaphet Kotto, Jane Alexander, Murray Hamilton

Estados Unidos, 1980 – 131 min / legendado em português | M/12

Vagamente baseado no livro de não-ficção *Accomplices to the Crime*, de Thomas O. Murton e Joe Hyams (o primeiro, responsável pela tentativa de reforma do sistema prisional do Arkansas no final dos anos 60; o segundo, colunista e argumentista de Hollywood), BRUBAKER aborda temas como a brutalidade nas prisões, o suborno e a corrupção política. Na sua nota semanal sobre as estreias em Portugal no diário *O Dia*, Luís de Pina refere "um Stuart Rosenberg muito atento" e "a presença de Robert Redford, nome grande do novo cinema americano".



IN MEMORIAM DIANE KEATON

Todos a lembram imediatamente como um raio de luz no cinema de Woody Allen, o contraponto humano para os pequenos monstros neuróticos que Allen criava para si próprio. ANNIE HALL, claro, que até tem como título o nome da personagem interpretada por Keaton, será o momento mais célebre e mais luminoso das várias colaborações entre os dois, mas antes dele houve outros filmes a juntá-los (PLAY IT AGAIN, SAM, SLEEPER, LOVE AND DEATH) e depois dele também (INTERIORS, MANHATTAN e, derradeira e tardia colaboração Keaton/Allen, MANHATTAN MURDER MYSTERY).

Apesar da proeminência, seria curto resumir a carreira de Diane Keaton ao estatuto de perfeita “sidekick” de Woody Allen. Essa é apenas uma faceta da carreira da atriz, mas também, sobretudo, uma faceta de uma persona que não se deixa definir assim tão facilmente. Basta lembrar que, mais ou em simultâneo com estas incursões no burlesco neurótico-intelectual woodyalleniano, Keaton entrava num par de filmes crucial no cinema americano dos anos 70, os GODFATHER (I e II), no papel magoadíssimo de Kay Corleone, a mulher de Michael (Al Pacino), primeira testemunha da conversão do marido à frieza mafiosa. Ou o seu trabalho num dos filmes mais insólitos do cinema americano dessa década, o LOOKING FOR MR GOODBAR de Richard Brooks que a punha num trajecto pela sordidez dos bas-fonds (filme do mesmo ano de ANNIE HALL, e que é provavelmente o papel que mais contrasta com a personalidade que Keaton projectava no cinema de Allen).

A partir dos anos 80, Keaton moldou ainda outra faceta para a sua persona, nos papéis de “mulher de meia-idade”, quase sempre em convivência com a comédia romântica e num modelo (apenas semi-caricatural) em vizinhança com uma elegância “burguesa” plenamente assumida (os filmes dos “clubes”: FIRST WIVES’ CLUB, BOOK CLUB). Talvez nenhum filme do período tardio de Keaton seja uma obra-prima, mas a sua presença garantia-lhes, no mínimo, graça e inteligência, uma graça e uma inteligência que eram, essencialmente, *dela*.

Experimentou a realização por várias vezes, e a sua primeira ficção (UNSTRUNG HEROES, de 1995), até foi seleccionada para o Festival de Cannes. Como realizadora, esteve envolvida na mais mítica série americana da década de 1990 (dirigiu um episódio de TWIN PEAKS, a série tutelada por David Lynch). Homenageamo-la com ANNIE HALL (claro!), com um representante dessa elegância tardia, madura (MORNING GLORY), e com um filme que realizou (HANGING UP), aliás, a derradeira das suas experiências atrás da câmara.

- ▶ Segunda-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HANGING UP

Linhas Cruzadas
de Diane Keaton
com Diane Keaton, Meg Ryan, Lisa Kudrow, Walter Matthau
Estados Unidos, 2000 – 94 min / legendado em português | M/12

Cinco anos depois do olhar sensível sobre as relações familiares em UNSTRUNG HEROES, Diane Keaton regressa à realização neste filme baseado no romance homónimo de Delia Ephron (que co-assina o argumento com a irmã Nora) e que segue a história de três irmãs numa tentativa de reaproximação familiar perante a morte iminente do pai, o sempre cínico Walter Matthau, que teve aqui o seu último papel. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANNIE HALL

Annie Hall
de Woody Allen
com Woody Allen, Diane Keaton, Tony Roberts, Paul Simon, Carol Kane, Shelley Duvall, Christopher Walken
Estados Unidos, 1977 – 93 min / legendado em português | M/12

ANNIE HALL, sexta longa-metragem de Woody Allen, foi o filme no qual se definiram verdadeiramente o estilo e os temas característicos do realizador (em colaboração estreita com Marshall Brickman, no argumento, Gordon Willis, na fotografia, e Ralph Rosenblum na montagem). Um “romance nervoso”, segundo o slogan publicitário da época, inspirado na relação que o realizador teve com Diane Keaton (cujo nome verdadeiro é Diane Hall), e marcado por uma extraordinária e carismática interpretação da atriz, fazendo deste filme um dos mais populares de todo o cinema de Allen e desta década em particular. Em 1978, enquanto Allen tocava o seu concerto semanal com a sua banda de jazz, em Nova Iorque, o filme viria a bater STAR WARS: EPISODE IV, em Los Angeles, na corrida ao Oscar de Melhor Filme.

- ▶ Quara-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MORNING GLORY

Manhãs Gloriosas
de Roger Michell
com Rachel McAdams, Harrison Ford, Diane Keaton, Patrick Wilson, Jeff Goldblum
Estados Unidos, 2010 – 107 min / legendado em português | M/12

Onze anos depois do êxito de NOTTING HILL, e antes da nomeação para um Globo de Ouro pelo drama histórico HYDE PARK ON HUDSON (2012), o britânico Roger Michell regressa às comédias românticas com este MORNING GLORY, onde “Diane Keaton é perfeita no papel de Colleen Peck, uma apresentadora de programas de televisão matinal que pode, e deve, sorrir em todas as situações.” (Roger Ebert, *Chicago Sun-Times*) Primeira exibição na Cinemateca.

A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL

A Cinemateca volta a associar-se, pelo quarto ano, ao Olhares do Mediterrâneo – Women’s Film Festival, que celebra a produção cinematográfica dos dois lados da bacia mediterrânica, com particular destaque para o trabalho de mulheres realizadoras. Fiel ao espírito de diálogo e resistência que tem caracterizado o festival, esta edição reafirma-se como espaço de intervenção e reflexão sobre as violências do nosso tempo. Depois do foco necessário, em 2024, nas cinematografias da Palestina, o festival escolhe este ano uma outra abordagem mais premonitória e vira-se para uma ferida aberta da história recente da Europa, os genocídios e as violências da guerra civil jugoslava. A seleção deste ano convoca filmes que refletem o modo como o trauma, a dor e a perda se inscrevem nas vidas dos que cá ficam entre os escombros. Mais do que revisitar os horrores do conflito, este programa procura escutar o zumbido que se perpetua após a explosão, mesmo passados anos, revelando que o terror não termina com o cessar-fogo. Como se ergue um povo das cinzas? A realizadora e atriz Mirjana Karanović, autora de DOBRA ŽENA, estará em Lisboa para apresentar duas das sessões, trazendo consigo a experiência de quem viveu e filmou as cicatrizes de um território dividido.



- ▶ Segunda-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOBRA ZENA / A GOOD WIFE

de Mirjana Karanovic
com Mirjana Karanovic, Boris Isakovic, Jasna Djuridic
Sérvia, Bósnia e Herzegovina, Croácia, 2016 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE MIRJANA KARANOVIC

A primeira longa-metragem de Mirjana Karanović, mais conhecida pela sua carreira de atriz – ocupando aqui também esse papel –, acompanha Milena, uma mulher de meia-idade cuja vida familiar é abalada por duas

descobertas: o envolvimento do marido em crimes de guerra durante os conflitos da década de 90 e o seu próprio diagnóstico de cancro. Situado num subúrbio de Belgrado, o filme constrói um retrato de uma mulher confrontada com verdades históricas e pessoais. A câmara de Karanović segue a protagonista, captando nuances de dor e incredulidade, sem recorrer a efeitos retóricos, permitindo que a interpretação delicada e sincera da realizadora – que é também Milena – conduza a narrativa com respeito pela memória coletiva da região. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GRBAVICA

Filha da Guerra
de Jasmila Zbanic
com Mirjana Karanovic, Luna Lozic, Leon Lucev
Bósnia e Herzegovina, Croácia, Áustria, Alemanha, 2006 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE MIRJANA KARANOVIC

GRBAVICA acompanha Esmá, uma mãe solteira que vive com a sua filha Sara de 12 anos no bairro que dá nome ao filme, em Sarajevo. Quando a criança descobre que

os filhos dos chamados “heróis de guerra” têm direito a uma viagem escolar gratuita, Esma é obrigada a enfrentar um segredo doloroso, a verdadeira identidade do pai de Sara, cuja história está longe de ser heróica. Jasmila Žbanić constrói um retrato comovente das complexas relações familiares que persistem após o fim do conflito, onde as atrocidades da guerra continuam a correr no sangue de uma geração. Mirjana Karanović interpreta Esma neste filme que venceu o Urso de Ouro no Festival de Berlim de 2006. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NA PUTU / ON THE PATH

de Jasmila Zbanic

com Zrinka Cvitesic, Leon Lucev, Ermin Bravo

Bósnia e Herzegovina, Áustria, Alemanha, Croácia, 2010 – 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Luna e Amar são um jovem casal de Sarajevo que procura reconstruir a vida no pós-guerra. Amar identifica-se como muçulmano, mas a religião nunca teve grande peso no seu quotidiano, algo que o seu alcoolismo e consequente perda de emprego tornam evidente. Esta situação força-o a aceitar trabalho numa comunidade muçulmana isolada

onde Amar acaba por se aproximar do wahabismo, um movimento islâmico ultraconservador. Quando Luna o visita, descobre a transformação do companheiro, e a relação entre ambos é posta à prova. Jasmila Žbanić constrói um drama psicológico que explora a tensão entre liberdade pessoal e fé, identidade e pertença. Primeira exibição na cinemateca.

► Quinta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

QUO VADIS, AIDA?

Quo Vadis, Aida?

de Jasmila Zbanic

com Jasna Djuricic, Izudin Bajrovic, Boris Ler

Bosnia Herzegovina, Áustria, Roménia, 2020 – 101 min
legendado em português e eletronicamente em inglês | M/12

Situado em Srebrenica, aquando do tenebroso massacre de cerca de oito mil bósnios muçulmanos por parte de unidades do exército sob o comando do general Ratko Mladić, QUO VADIS, AIDA? apresenta-nos a demanda de Aida Selmanagić (Jasna Djuricic), uma tradutora da ONU, na tentativa de salvar a família logo após tropas e milícias sérvias tomarem conta da cidade, e de milhares de cidadãos procurarem abrigo no acampamento da ONU, enquanto lida com uma comunidade internacional de burocracias e práticas ineficazes.

► Sábado [8] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ONDA VIDIM TANJU

“Então Vi a Tanja”

de Juraj Lerotić

Croácia, 2010 – 34 min / legendado em português

INTO THE BLUE

“No Azul Profundo”

de Antoneta Alamat Kusijanović

Croácia, 2017 – 22 min / legendado em português

Duração total da projeção: 56 minutos | M/6

ONDA VIDIM TANJU e INTO THE BLUE são dois filmes *coming of age* que, para além das temáticas habituais do género – o despertar das paixões, o medo ou a descoberta de si –, revelam o peso de uma responsabilidade precoce imposta às suas personagens. Seja por causa de uma mãe doente ou de um pai abusador, estes jovens têm de encontrar uma forma de lidar com tudo o que a vida (adulta) traz. A sessão integra também a rubrica “Sábados em Família/ Cinemateca Júnior”.

VIAGEM AO FIM DO MUDO

Terceira e nova etapa desta Viagem, recém-criada “rubrica regular” da Cinemateca (porque decorrerá até 2027, data em que se assinalam os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado), com uma proposta de três sessões por mês.

► Sexta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FOOLISH WIVES

Esposas Levianas

de Erich von Stroheim

com Erich von Stroheim, Rudolph Christians, Mae Busch

Estados Unidos, 1922 – 157 min / mudo, intertítulos em inglês e legendas eletrónicas em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Uma das obras-primas do cinema mudo, onde Stroheim não se poupou a esforços para transmitir a visão realista que pretendia, chegando a construir em estúdio uma réplica do casino de Monte Carlo quase do tamanho do original. É uma história de sedução, chantagem e crime, tendo por personagens a aristocracia europeia decadente e a alta burguesia americana. Prefigurando os problemas que viria a ter com GREED, Stroheim viu o estúdio tirar-lhe o controlo da montagem. A versão de estreia, em 1922, tinha perto de três horas, mas a relativamente fraca bilheteira levou a Universal a uma remontagem ainda durante a carreira comercial do filme. Essa segunda versão de estreia, com perto de 1h40 de duração, foi a base das cópias de FOOLISH WIVES que se viram durante décadas, com a anuência do próprio Stroheim, que julgava perdida qualquer outra versão. O que vamos apresentar nesta sessão, pela primeira vez em Portugal, é uma reconstrução recentemente estreada (em 2020), fruto de uma colaboração entre o MOMA e o laboratório L'Imagine Ritrovata (Bolonha), feita a partir de cópias sobreviventes, e entretanto encontradas, da primeira versão de estreia, na maior aproximação possível ao que só os primeiros espectadores do filme, há 103 anos, puderam ver.

Filme restaurado pelo The Museum of Modern Art e o San Francisco Silent Film Festival, com o apoio de Ira Resnick, Cineteca di Bologna, National Film Archive of Monaco, Sunrise Foundation for Education and the Arts, Rick Anderson, John e Susan Sinnott, e apoiantes do San Francisco Silent Film Festival Film Preservation Fund.

► Sexta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GÖSTA BERLINGS SAGA

A Lenda de Gösta Berling

de Mauritz Stiller

com Greta Garbo, Lars Hanson

Suécia, 1924 – 180 min / mudo, intertítulos em sueco legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

O filme que revelou uma jovem vedeta: Greta Garbo. Baseado num romance de Selma Lagerlöf situado no início do século XIX, o filme conta a história de um pastor protestante que abandona a igreja e, depois de muitas peripécias, casa-se com a prima da mulher que ama. Mauritz Stiller, um dos raros mestres consagrados do cinema, com Friederich Murnau, a ter trabalhado unicamente no período mudo, fez um verdadeiro fresco, que contém momentos de antologia como o da perseguição dos lobos ao trenó ou o incêndio de uma mansão. Este filme valeu a Stiller um contrato para Hollywood e ele exigiu levar Garbo na sua “bagagem”. Ironicamente, o grande realizador fracassaria em Hollywood,



ao passo que a sua protegida tornar-se-ia numa estrela e num mito. Durante décadas, o filme foi visto numa versão reduzida, com pouco mais de uma hora. Hoje, é possível vê-lo num restauro que o aproxima da versão original, com o triplo da duração.

► Sábado [22] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WINGS

Asas

de William A. Wellman

com Clara Bow, Charles “Buddy” Rogers, Richard Arlen, Jobyna Ralston, Gary Cooper

Estados Unidos, 1927 – 138 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

A obra-prima que descolou o subgénero “filme de aviação” à guerra e ao melodrama, à qual “Wild” Bill Wellman se entregou de corpo e alma, num trabalho tão pessoal como arriscado, de todos os pontos de vista, foi-lhe entregue pela Paramount dada a experiência de aviador-combatente na frente da Primeira Guerra. Do ano em que o cinema começou a ser falado, é um dos grandes mudos, de que também houve versão sonorizada (em 1929, com efeitos sonoros e uma banda musical da Movietone), um épico de espetacular realismo que explora o papel do avião como arma de guerra, em que as batalhas aéreas atingem píncaros de coreografia cinematográfica (com câmaras no ar e atores aos comandos) e a experimentação tecnológica e artística é incessante. A história celebra o amor e a fraternidade, pondo a brilhar a (It) estrela Clara Bow ao lado de Buddy Rogers e Richard Arlen, em papéis de rivais tornados amigos. E revelando a cintilação futura de Gary Cooper. Primeiro melhor filme do ano da Academia de Hollywood (entregue ao produtor), também distinguido pelos efeitos especiais (sem menção ao realizador que nem convite recebeu para a cerimónia). E de tão grande popularidade que eclipsou, na época, os custos concretos da grandeza da produção (em número de aviões, câmaras, atores e figurantes, meses de rodagem, entre demais acidentadas variáveis). As histórias de bastidores são imbatíveis, a influência na História do cinema, um caso sério. A apresentar em digital, o filme integra também o Ciclo “O Trilho do Gato – William A. Wellman”.

Fruto de uma encomenda da Casa do Cinema Manoel de Oliveira/Fundação de Serralves a Regina Guimarães e Saguenail para a exposição *Luis Miguel Cintra – Pequeno Teatro do Mundo*, A VIDA DOS ESPELHOS “assume-se como um filme-ensaio, reflexivo e retrospectivo, que estabeleça uma porta de entrada ao percurso cinematográfico de Luis Miguel Cintra.” (Casa do Cinema Manoel de Oliveira)

03 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM DIANE KEATON
MORNING GLORY
de Roger Michell

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM ROBERT REDFORD
THE CONSPIRATOR
de Robert Redford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM DIANE KEATON
HANGING UP
de Diane Keaton

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
DOBRA ZENA / A GOOD WIFE
de Mirjana Karanovic

04 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM ROBERT REDFORD
OUT OF AFRICA
de Sydney Pollack

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
NOTHING SACRED
de William Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUERO VER
DOMINGO À TARDE
de António de Macedo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
GRBAVICA
Filha da Guerra
de Jasmila Zbanic

05 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
ROXIE HART
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa CARLOS CALVET

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE PUBLIC ENEMY
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
NA PUTU / ON THE PATH
de Jasmila Zbanic

06 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
CHINATOWN NIGHTS
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa ANA HATHERLY 1

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE MAN I LOVE
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
QUO VADIS, AIDA?
de Jasmila Zbanic

07 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
NIGHT NURSE
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VIAGEM AO FIM DO MUDO
FOOLISH WIVES
de Erich von Stroheim

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa ANA HATHERLY 2

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM ROBERT REDFORD
THE CONSPIRATOR
de Robert Redford

08 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS EM FAMÍLIA | CINEMATECA JÚNIOR/A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
ONDA VIDIM TANJU
“Então Vi a Tanja”
de Juraj Lerotić
INTO THE BLUE
“No Azul Profundo”
de Antoneta Alamat Kusijanović

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
A STAR IS BORN
de William A. Wellman

20H00 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa JULIÃO SARMENTO 1

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa LOURDES CASTRO 1

10 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
STINGAREE
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa NORONHA DA COSTA 1

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
FEMALE
de Michael Curtiz (William Dieterle e William Wellman, não creditados)

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS
Curtas-metragens ETIC

11 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE HATCHET MAN
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa LOURDES CASTRO 2

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE PURCHASE PRICE
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa NORONHA DA COSTA 2

12 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
SO BIG!
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa NORONHA DA COSTA 3

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM ROBERT REDFORD
OUT OF AFRICA
de Sydney Pollack

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
BLOOD ALLEY
de William A. Wellman

13 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PRÉMIO MÁRIO RUIVO
SESSÃO DE CURTAS METRAGENS
PRÉMIO MÁRIO RUIVO
vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
WESTWARD THE WOMEN
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa ANA HATHERLY 3

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Programa JULIÃO SARMENTO 2

14 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
LOVE IS A RACKET
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | VIAGEM AO FIM DO MUDO
GÖSTA BERLINGS SAGA
A Lenda de Gösta Berling
de Mauritz Stiller

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
REACHING FOR THE SUN
de William A. Wellman

15 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS EM FAMÍLIA | CINEMATECA JÚNIOR
ATRÁS DAS NUVENS
de Jorge Queiroga

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE PUBLIC ENEMY
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa HELENA ALMEIDA 1

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa ANTÓNIO PALOLO 1

17 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
MIDNIGHT MARY
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM DIANE KEATON
HANGING UP
de Diane Keaton

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
Programa ANTÓNIO PALOLO 2

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE HATCHET MAN
de William A. Wellman

18 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
THE PURCHASE PRICE
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO - WILLIAM A. WELLMAN
LADY OF BURLESQUE
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ANTÓNIO PALOLO 3**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

NIGHT NURSE
de William A. Wellman

19 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

DANGEROUS PARADISE
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

SAFE IN HELL
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **SILVESTRE PESTANA**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

SO BIG!
de William A. Wellman

20 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

REACHING FOR THE SUN
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ERNESTO DE SOUSA 1**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

CHINATOWN NIGHTS
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

THE MAN I LOVE
de William A. Wellman

21 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

SAFE IN HELL
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

ROXIE HART
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ANTÓNIO PALOLO 4**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

FEMALE
de Michael Curtiz (William Dieterle e
William Wellman, não creditados)

22 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS EM FAMÍLIA
CINEMATECA JÚNIOR

BARON PRÁŠIL
O Barão Aventureiro
de Karel Zeman

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN/VIAGEM AO
FIM DO MUDO

WINGS
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ANTÓNIO PALOLO 5**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

LAFAYETTE ESCADRILLE
de William A. Wellman

24 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

LADY OF BURLESQUE
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

MIDNIGHT MARY
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM DIANE KEATON

ANNIE HALL
de Woody Allen

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE MARIA BARROSO

MUDAR DE VIDA
de Paulo Rocha

25 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM ROBERT REDFORD

BRUBAKER
de Stuart Rosenberg

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ERNESTO DE SOUSA 2**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

LOVE IS A RACKET
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

A VIDA DOS ESPELHOS
de Regina Guimarães e Saguenail

26 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM DIANE KEATON

MORNING GLORY
de Roger Michell

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

FRISCO JENNY
de William A. Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **FERNANDO CALHAU**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **ERNESTO DE SOUSA 3**

27 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

WESTWARD THE WOMEN
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **VÍTOR POMAR 1**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

DANGEROUS PARADISE
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **VÍTOR POMAR 2**

28 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

BLOOD ALLEY
de William A. Wellman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM DIANE KEATON

ANNIE HALL
de Woody Allen

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

STINGAREE
de William A. Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS

JUSTA
de Teresa Villaverde

29 SÁBADO

11H00 | BIBLIOTECA | SÁBADOS EM FAMÍLIA | CINEMATECA JÚNIOR

ANIMAÇÃO ÀS RISCAS (oficina)

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS EM FAMÍLIA
CINEMATECA JÚNIOR

WHY WORRY ?
de Fred C. Newmeyer e Sam Taylor

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

NOTHING SACRED
de William Wellman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Programa **Super8**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O TRILHO DO GATO
- WILLIAM A. WELLMAN

A STAR IS BORN
de William A. Wellman

Todos os filmes são projetados na sua versão original com legendas em português, salvo indicação no Programa.

All films are screened in their original language with Portuguese subtitles, unless noted otherwise in the Programme.

Tous les films sont projetés dans leur langue originale avec des sous-titres portugais, sauf indication dans le Programme.

Todas las películas se proyectan en su idioma original con subtítulos en portugués, a menos que se indique en el Programa.

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes - 3,20 €
Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €
Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

SALAS DE CINEMA

Abertura de portas das salas: 15 minutos antes do início da sessão.
Recomendamos a chegada com cerca de 15 minutos de antecedência.
Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)
Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h00 - 01h00
Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida
Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
Disponível estacionamento para bicicletas

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30 - 22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt

MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS: Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €
(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€
A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

MAIS INFORMAÇÕES: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

PONTOS DE VENDA ADERENTES (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

cinemateca

NOVEMBRO 2025



**CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS:
O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70**

O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN